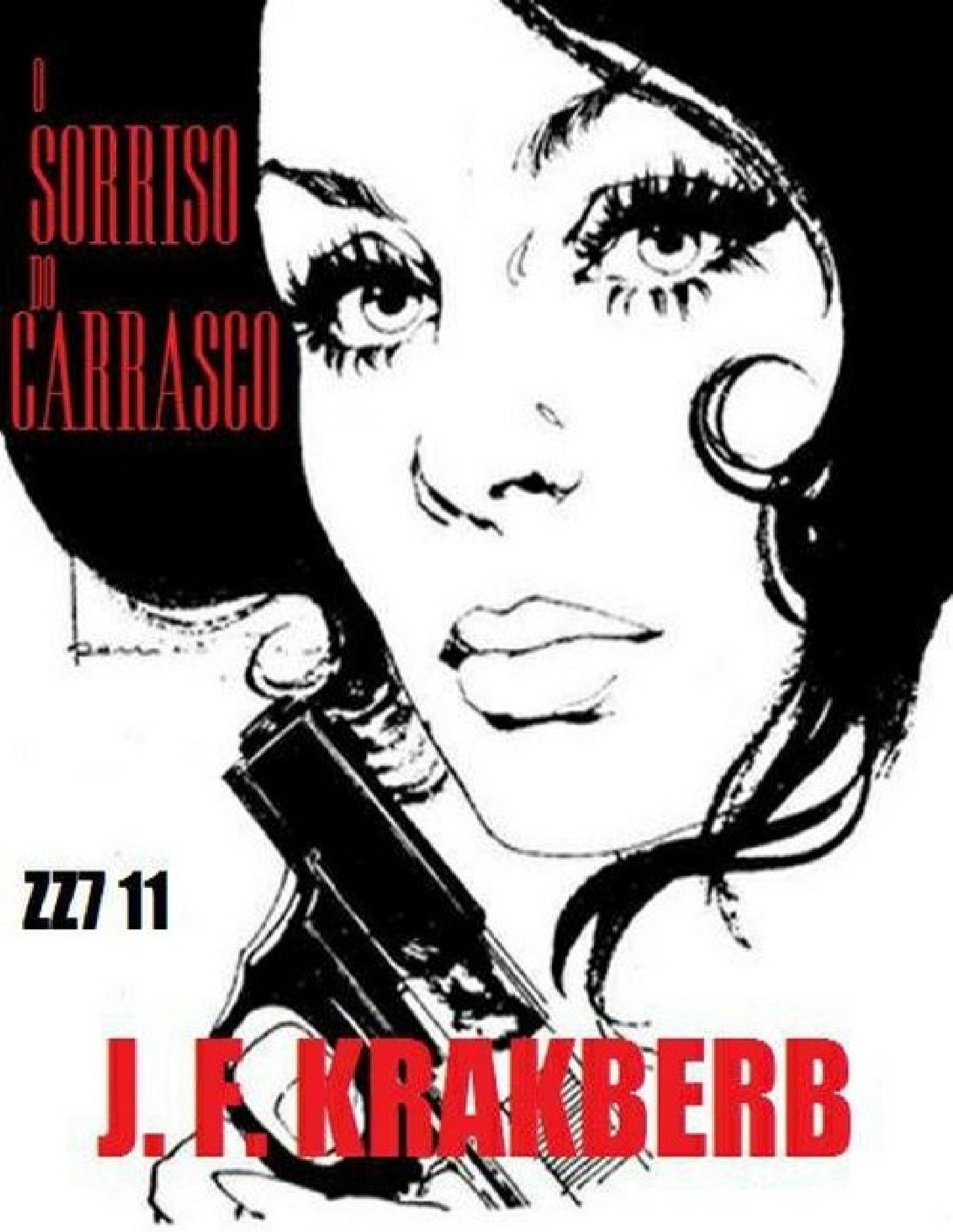


**I
SORRISO
DI
CARRASCO**

ZZ7 11

J. F. KRAKBERG



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O SORRISO DO CARRASCO

(C) 1965 – J F KRAKBERG

Título original: A DREADFULL SMILE

Publicado no Brasil pela Editora Monterrey

AO LEITOR CURIOSO

Advertimos que esta história se passa no cenário agitado de Saigon, capital do Vietnã do Sul. Sem querer menosprezar os conhecimentos geográficos ou políticos de quem quer que agora nos leia, vamos em rápidas palavras dar uma ideia do país onde se desenrolam os acontecimentos deste livro.

Estamos no sudeste da Ásia, na velha Península da Indochina banhada pelo Mar da China Meridional, que lhe fica a teste e ao sul. Mais para cima, ao norte, está a China Comunista. A oeste ficam o Laos e a Cambodjia.

O Vietnã divide-se em duas porções. A primeira, acima do Paralelo 17, sob regime comunista, denomina-se República Popular do Vietnã e tem sua capital em Hanói. A segunda, ao sul desse paralelo vive em regime democrático, denomina-se República do Vietnã do Sul e tem sua capital em Saigon.

Saigon é uma cidade cheia de características europeias, pois foi um reduto francês de colonização desde a última metade do Século XIX até o dia 21 de junho de 1954, quando o Premier Mendes France decidiu encerrar com um armistício a Guerra dos Sete Anos que se travava na Indochina. Hoje Saigon é quase uma grande metrópole ocidental incrustada na Ásia, com uma população de dois milhões de habitantes, belas casas de estilo colonial mergulhadas sob as buganvílias dos bairros antigos, edifícios modernos contrastando com certos hábitos ainda muito chineses do seu povo. Multidões vão e vêm pelas ruas do mercado, coma bandos de pássaros em jardim exótico, pois as túnicas muito coloridas das jovens mulheres ainda alegam a Rua Catinat, que continua a ser chamada com esse nome embora tenha sido rebatizada com um nome vietnamita.

Tudo isso é o “décor” exterior. A verdadeira Saigon não está evidentemente nas nostálgicas evocações do passado, revividas por um punhado de velhos franceses colonizadores — como diria Etienne Daum. Não depende também da vontade dos americanos — que agora protegem o Vietnã do Sul contra as investidas comunistas dos vietcongs de Hanói. Saigon nem sequer se sente sujeita ao jogo sutil dos políticos vietnamitas ou às suas combinações ministeriais. As guerras religiosas entre budistas e católicos — que abalaram o mundo com a divulgação dos horríveis acontecimentos de bonzos suicidas, ateando fogo às vestes em praça pública. — tampouco chegaram a alterar a filosofia de vida do seu povo que deseja imensamente a paz e o direito de ser contemplativo. Há meio século os cristãos foram perseguidos nas velhas ruas de Saigon. Mais recentemente foram perseguidos os budistas, pelo regime fanático dos irmãos Diem, daquela tristemente famosa Madame Nhu, que chegou a declarar, certa vez, a jornalistas parisienses: — “Se os bonzos querem morrer torrados, que morram e se transformem em churrasco”.

Hoje as disputas religiosas cedem lugar ali a uma preocupação maior: a da guerra e do perigo comunista do Vietnã do Norte, dos vietcongs.

De qualquer maneira, um católico, em Saigon, é sempre um inimigo rancoroso do seu vizinho budista. E a queda da Família Diem, perseguidora dos monges, ainda provoca terríveis ressentimentos num setor apaixonado da população.

Vimos, pois, o cenário. Agora vamos à história.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Onde o leitor viaja com sua personagem para o sudeste asiático e vai assistir ao início de um novo mistério.

*As pinturas que ninguém entende podem ser um princípio de entendimento universal
Tiroteio na Galeria.*

— Tenho razões especiais para enviá-la a Saigon! — dizia Miky Grogan, chefe de redação do matutino “Morning News” de Nova York, a sua repórter Brigitte Montfort, recém-chegada de importante missão na Grécia. — Desta vez é um assunto incandescente!

— Mas eu não falo a língua vietnamita! — explicava ela, já preocupada com as consequências de uma tarefa daquela ordem, na agitada península do sudeste asiático.

— Ora, Brigitte! — insistia Miky, puxando nervosas baforadas azuis do seu charuto havaiana especial. — Em Saigon quase todo mundo fala francês. E você é quase francesa!

A jovem argumentava apenas para entreter o diálogo com seu chefe. Sabia que era inútil resistir-lhe, pois o velho Miky quando decidia que uma reportagem tinha de ser feita punha nas suas ordens um vigor de César. Àquela altura, passagens e passaportes e cartas de recomendação já deveriam estar arrumados na sua escrivaninha, de mistura com os “traveller’s checks” e os relatórios para serem lidos no avião, a caminho do objetivo. Brigitte concordou: — Muito bem! — Quando devo partir?

— Amanhã! — informou Miky, já com um sorriso paternal a iluminar-lhe o rosto. — Vai direto a Paris e de lá para Saigon, com cerca de trinta quadros modernos, do gênero “pop art”, especialmente encomendados.

Brigitte surpreendeu-se: — Quadros modernos? Mas... que história e essa, meu caro Miky? Você quer uma reportagem ou uma exposição de arte em Saigon?

— Quero ambas as coisas.

— Pode me dar detalhes deste novo mistério em que você pretende me introduzir?

Miky Grogan resolveu ser explícito: — Muito bem... você é curiosa como todas as mulheres.

Às vezes me esqueço disso. Afinal, seus trabalhos no exterior têm sido perfeitos, e eu sempre penso que posso contar com sua subordinação como um bom sargento conta com a do seu soldado. Quer esclarecimentos? Pois ouça: No relatório que lhe preparei — para ser lido no avião — tudo se explica, exhaustivamente. Anteciparei alguns detalhes, para lhe satisfazer o espírito, agora. O negócio é o seguinte: mais uma vez o Serviço Secreto americano quer usá-la como agente de informações. No caso da Pérsia e da Grécia você foi como repórter do nosso jornal. Agora irá como pintora moderna.

— Como pintora?

— Sim, exatamente! Para não dar na vista, em Saigon você será a pintora Brigitte Montfort, vinda de Paris, contratada pelo “marchand” Arthur Keeler, dono da Galeria Corot na capital vietnamita. Tudo já foi previamente arranjado. Uma exposição dos seus quadros ultramodernos atrairá meio mundo social e político de Saigon. Esses quadros já estão pintados e prontos (com sua assinatura) em Paris. Aliás, fazer “pop art” não é difícil. Se lhe pedirem uma improvisação, tenho certeza, você se sairá muito bem.

Misture três maços de cigarro com duas manchas amarelas ou azuis numa tela, acrescentadas de um pedaço de osso, e aí está o quadro moderno. O resto fica por conta do seu charme, da sua beleza, da sua inteligência. O que importa é entrar em contato com os homens influentes de Saigon.

— Mas... que devo eu investigar? — inquiriu Brigitte, no auge da obediência.

— Bem... o Serviço Secreto americano quer saber qual é a tendência real do novo governo que sucedeu aos malogrados Diem. E eu quero, nisso tudo, uma boa reportagem para o nosso jornal. Algo

sensacional e inédito, como sempre. Não é pedir muito, é?

— Não. É o mesmo que pedir o Velocino de Ouro, mas não posso me queixar. Sou paga para tentar fazer coisas impossíveis, e vou querer ganhar mais esta partida de xadrez a que estou sendo desafiada.

— Isto é que é fala boa! Nunca me decepcionei com você, minha garota! E o nosso amigo Pitzer, do Serviço Secreto, está jogando tudo nesta parada. Portanto, coragem e mãos à obra!

Brigitte sorriu, um sorriso meio triste, e fez o último comentário: — Vocês nem me deixam tempo para encontrar meu noivo, Duff Chandle, que está chegando da Grécia, de navio, coitado, esperando verme no porto.

— Noivados e namoros são atividades incompatíveis com a missão de uma grande repórter como você! — cortou Miky Grogan, drasticamente. — Mas, pode deixar que eu cuidarei das explicações ao Duff, na sua ausência. Ele é arqueólogo, não é? Pois os arqueólogos devem ser, por definição, sujeitos calmos e pacientes.

Brigitte ia responder quando Miky, certo, cortou-lhe a palavra: — O voo é amanhã às nove. Trate de ir para casa arrumar as malas e descansar o espírito.

Duas horas mais tarde a jovem repórter já se encontrava deitada no seu macio leito de vicunha, procurando um sono reparador antes da missão arriscada que lhe haviam confiado.

Brigitte — permita-nos o leitor uma explicação — é o mais famoso agente secreto norte-americano. Mulher de rara beleza, inteligente e culta, trabalhando para o matutino de maior tiragem de Nova York, o famoso “Morning News”, ao mesmo tempo em que integra a equipe especial do Inspetor Pitzer, chefe do serviço de contra-espionagem dos Estados Unidos. Corajosa e ousada, Brigitte tem conseguido realizar feitos dignos de qualquer James Bond, e sua atuação no campo da intriga internacional granjeou-lhe uma fama sem precedentes, chegando mesmo a ofuscar todas as maiores façanhas de Mata Hari.

Os leitores que não a conhecem precisam saber que sua beleza é das mais provocantes, tendo chegado a despertar paixões perigosas nos quatro cantos do mundo. Mas um arqueólogo da Universidade de Harvard, Duff Chandle, recentemente conseguiu abrandar seu coração impulsivo e é hoje o dono absoluto da sua ternura. Disse-lhe ele, certa vez, durante uma estada romântica em Atenas: — Cem mil poetas sonharam, e depois você nasceu!

A partir daí, Brigitte não conhece outro amor, mas estranhamente coloca o prestígio de sua carreira de agente secreto acima de toda espécie de compromisso.

Vamos agora o início de sua nova aventura, a caminho do Oriente. Dois dias depois da conversa com Miky Grogan, na redação do “Morning News”, em Nova York, Brigitte chegou a Saigon, capital agitada do Vietnã do Sul, tendo passado por Paris e trazido na bagagem trinta quadros modernos assinados com seu nome.

Arthur Keeler foi recebê-la no aeroporto e preparou, para a semana seguinte, uma grande exposição na sua famosa Galeria Corot. Arthur Keeler é um agente especial, em Saigon, sob o disfarce de “marchand de tableaux”. Está encarregado de fazer Brigitte penetrar na sociedade vietnamita do Sul. Uma bela mulher inteligente pode sempre chegar às fontes de informação mais depressa do que um homem.

As cartas estão dadas... Vai começar o jogo.

NO DIA MARCADO

Todo o mundo elegante e político de Saigon compareceu ao “vernissage”, curioso de ver os quadros da pintora francesa Brigitte Montfort que se anunciava na imprensa — hábil trabalho de Arthur Keeler — como a nova deusa do “pop art” europeu. Ninguém ainda na Europa chegou a entender muito bem o que é, na verdade, o “pop art”, de sorte que em Saigon, nos confins da Ásia, o efeito não poderia deixar de ser um inteiro deslumbramento.

Contribuía para o sucesso da exposição a beleza física da pintora, seu charme contagiante, sua maneira especial de fascinar homens e mulheres à primeira vista.

O glorioso champanha Don Perignon, safra de 1955, foi servido exaustivamente a todos os convidados, entre os quais se podiam contar o Coronel Gia-long, Chefe do Serviço Secreto Sul vietnamita, seu assistente e secretário, o agudo senhor Tu-duc, e um amigo e correligionário, homem influente na política local, cavalheiro Do Xuan Kahn.

Também circulavam pela galeria algumas celebridades de Saigon: o advogado Tien-tsi, do Departamento de Estado, e a senhora Ama-Wang, irmã do secretário Tu-duc.

A festa durou três horas e, afinal, começaram a sair os convidados da iluminada Galeria Corot, que fica na Rue Colbert em pleno centro comercial de Saigon. Pouco a pouco foram indo embora os automóveis que haviam atulhado o estacionamento fronteiro, e o lugar recobrava sua tradicional calma chinesa. Suave brisa trazia um pouco de amenidade ao calor reinante, e já agora se podia observar o pitoresco das mesinhas do bar ao lado da Galeria, com seus guarda-sóis multicoloridos fazendo o verão. Dezenas de clientes bebericavam, sem muita pressa, seus longos “drinks” gelados, matando o tédio.

Sentado à mesa mais próxima da Galeria, um homem de aspecto sisudo lia jornal sem dar mostras de concentrar-se no assunto. Seus olhos perscrutadores desviavam-se muitas vezes da leitura para observar as belas mulheres que iam saindo da Galeria Corot. Trajava-se com sobriedade, terno escuro, chapéu preto. Cara de chinês: pômulos salientes, olhos amendoados, cabelo negro e farto.

Ficou olhando, cuidadosamente, o grupo que se retirava agora do salão. Contou: cinco homens e uma mulher.

Conversavam animados. Um cartaz, na parede, anunciava a exposição, ostentando imensa fotografia de Brigitte Montfort. O homem sisudo notou que a fotografia coincidia plenamente com o vulto da bela mulher que acabava de sair em companhia de quatro orientais e um ocidental.

Nesse mesmo instante vinha passando uma gorda senhora, conduzindo pela mão seu garoto de, no máximo, oito anos de idade. O menino trazia uma bola de couro que subitamente escapou-lhe das mãos e rolou até a mesa ocupada pelo homem sisudo de chapéu preto.

Desprendendo-se da sua mãe o garoto correu a apanhar a bola que tinha parado justamente nos pés desse estranho chinês vestido de negro. Voltou assustado e segredou ao ouvido da gorda senhora: — Mamãe... aquele homem tem uma pistola igual à do papai... eu vi!

A mulher se deteve e voltou a cabeça na direção do tal personagem, assustada. Havia sucedido demasiados fatos sangrentos em Saigon que lhe poderiam justificar quaisquer sobressaltos. Puxou o garoto com violência, desejando afastar-se dali o mais depressa possível. O menino acompanhou-a de má-vontade, e a curiosidade fê-lo virar a cabeça para olhar novamente o homem sisudo.

— Mamãe! — exclamou, excitado com o que vira. — Ele está com a pistola na mão, escondida por um chapéu.

De fato, o estranho indivíduo avançava agora dois passos, com o chapéu na mão, e se postava parado na beira da calçada. O grupo em volta de Brigitte parecia não ter notado sua aproximação.

Foi quando a gorda senhora, pressentindo o perigo, gritou histericamente e ainda teve forças para articular a frase: — Cuidado! Este homem vai atirar em vocês! Brigitte e seus acompanhantes, alertados pelo grito, voltaram-se para o tal indivíduo, alarmados. A reação de Arthur Keeler foi tão fulminante como a rapidez com que o chinês de preto atirava ao ver-se descoberto. Com um empurrão violento jogou Brigitte ao solo. Esta, por sua vez, arrastou na queda o jovem que estava à sua esquerda. Já Keeler lançara-se de bruços ao chão, numa agilidade de gato perseguido.

Simultaneamente com o estampido dos tiros um grito de agonia encheu o silêncio da rua. Arthur Keeler sentiu um peso morto cair-lhe nas costas, e teve a imediata impressão de que era um cadáver. Repeliu-o, com uma sacudidela e o corpo inerte do cavalheiro Do Xuan Kahn, amigo influente do

Coronel Gia-long, chefe do Serviço Secreto Sul vietnamita, escorregou ao seu lado. Os olhos vidrados e o semblante de pavor que lhe contorciam o rosto denunciavam a presença da morte.

Também já estendidos no chão, o Coronel Gia-long e seu secretário Tu-duc respondiam ao fogo do agressor. Da incômoda posição em que se encontravam seria impossível fazer pontaria, mas era necessário amedrontar o adversário.

O indivíduo, porque já houvesse cumprido sua tarefa de abater Do Xuan Kahn ou por receio de ser atingido pelas balas, girou sobre os calcanhares e saiu correndo.

Havia previsto tudo.

Com a pistola na mão abriu caminho entre os populares que, atônitos, preferiam fugir da renhida fuzilaria. Ninguém se atreveu a detê-lo. Cem metros adiante estava parado um Austin, com o motor em funcionamento. Entrou nele e disparou, pela rua abaixo.

Outro carro surgiu, subitamente, da esquina próxima e lançou-se como uma bólide em sua perseguição. Caçada sensacional através das ruas de Saigon. Sinais luminosos, apitos de guardas frenéticos, nada poderia haver detido aquela marcha desenfreada dos dois carros velozes. O assassino, ao ver-se perseguido, encostou o pé até o fundo, no acelerador, e chegou a 130 quilômetros por hora.

Dobravam as esquinas em duas rodas, os motores roncando espantosamente. Dentro de pouco a cidade ficou para trás.

Abriu-se diante deles a ampla estrada arborizada que liga Saigon a Khanhhoa, povoação situada a setenta quilômetros da capital.

No Austin, o chinês de preto crispava as mãos no volante, dizia maldições e procurava acompanhar, pelo espelho, o avanço do seu perseguidor que vinha ganhando terreno numa terrível Mercury de oito cilindros. Em pouco a distância foi-se encurtando. O chinês convenceu-se de que só um golpe de audácia conseguiria desembaraçá-lo do seu incômodo seguidor. Acelerou ainda mais e preparou-se para uma guinada violenta à esquerda, no atalho que sabia estar próximo, pois conhecia bem a estrada. Segurando o volante com a mão esquerda, empunhou a pistola com a direita e preparou-se.

Duzentos metros adiante lá surgia o atalho. Era virar bruscamente à esquerda, deixar que o perseguidor passasse em frente e depois alvejá-lo pelas costas. Simples demais para o sucesso.

Quem vinha dirigindo a Mercury pressentiu a manobra diante da redução de velocidade do Austin. E o assassino de Do Xuan Kahn ao tentar desesperadamente a virada, só conseguiu jogar seu Austin fora da estrada, contra os rochedos da orla. Saltou à terra um segundo antes que os seus perseguidores da Mercury conseguissem frear o carro, e já de pistola na mão.

Mas não conseguiu dispará-la.

Nem teve tempo de apontar. Dois projéteis cravaram-se com a velocidade do raio no seu peito, impedindo toda ação ofensiva.

O chinês de prato, quase fulminado, girou sobre si mesmo e abriu os braços, como se procurasse algo em que se agarrar para não cair. Mas logo desmoronou sobre o motor do Austin.

Satisfeitos com o desenlace da perseguição, os dois homens da Mercury deram por cumprida sua tarefa.

Manobraram na estrada, fizeram meia-volta e retomaram o caminho de Saigon. Mas não haviam rodado ainda meio quilômetro quando ouviram terrível explosão na retaguarda. Olharam para trás e puderam constatar que o Austin do chinês voava pelos ares, em estilhaços fumegantes.

Também voavam pedaços do seu corpo, sinistras postas de carne humana, dilaceradas.

Os dois misteriosos perseguidores da Mercury retornaram ao local para examinar o resultado da explosão.

Um deles comentou: — Deve ter sido provocada por ele mesmo, num último gesto. Por certo ao cair disparou a pistola.

Não é a primeira vez que isso acontece.

E sumiram, estrada a fora.

CAPÍTULO SEGUNDO

Conjecturas de pouca monta.

O que acontece depois do crime é sempre monótono, quando não é outro crime.

Um pouco de segredo sobre a dedução mais lógica.

A polícia não demorou a chegar à Galeria Corot de Arthur Keeler, onde ocorrera a tremenda fuzilaria. O Capitão da Seção de Homicídios, em pessoa, acompanhado de dois detetives à paisana, compareceu ao local do crime. Ao defrontar-se com o Coronel Gia-long, Chefe do Serviço Secreto e famoso pelo seu mau gênio, resolveu declinar da posição. Mas foi o próprio Coronel que o chamou à ordem: — Cumpra sua tarefa, Capitão! — disse ele. — Esqueça-se do meu cargo, e esqueça-se de que estou aqui.

O policial tentou sorrir, mas seu rosto bochechudo só conseguiu esboçar uma feia careta. Via-se que estava intimidado.

Impaciente diante da falta de iniciativa do oficial da Seção de Homicídios, o Coronel Gia-long perguntou-lhe, com aspereza: — Capitão, que está esperando? Mexa-se! Faça perguntas. Temos pressa em sair daqui. Há uma jovem pintora francesa conosco, deve estar com os nervos abalados pela violência do crime.

— Obrigado pela sua atenção, Coronel! — interveio Brigitte. — Mas não precisa preocupar-se comigo. Estou perfeitamente bem. Só feri um pouco o joelho ao cair.

O Coronel olhou demoradamente o belo joelho ferido da moça e respondeu, com galanteria: — Quando pusermos as mãos no miserável que atirou em nós, haveremos de fazê-lo pagar dobrado por esse ferimento no seu lindo joelho, Mademoiselle Montfort.

Pode crer! Agora me deixe ver se é algo sério.

Brigitte levantou a barra da saia, com estudada faceirice, deixando ver o pequeno ferimento logo acima da rótula perfeita. Todos os presentes — e não apenas o Coronel — estudaram a beleza da perna marmórea da jovem repórter.

Notando o exagero nos cuidados, ela mesma encerrou a inspeção anatômica de que estava sendo alvo, com uma frase bem do seu estilo: — O meu sangue é igual ao vosso. Não foi nada...

vamos embora! Mais trágico é o sangue para sempre perdido do pobre cavalheiro Do Xuan Kahn, hoje assassinado.

O Coronel pigarreou e decidiu mostrar-se ativo, interrogando seu secretário Tu-duc, rapaz de aliar brilhante e agudo: — Como é, meu caro Tu-duc? Conseguiu descobrir o número da chapa do Austin em que fugiu o assassino?

O rapaz quase se perfilou ao dar a informação: — Sim, meu Coronel! Um senhor que estava assistindo à cena da janela de sua casa teve a presença de espírito necessária e tomou nota do número da chapa é Z-32-97.

O Coronel voltou-se para o Capitão da Seção de Homicídios: — Capitão, faça-me o favor de investigar a quem pertence esse automóvel.

— Agora mesmo! — anuiu, subserviente, o oficial. — Vou destacar dois homens para isso. Acho que seria interessante interrogar os empregados do bar ao lado.

Talvez saibam de alguma coisa.

— Não acredito! — retrucou o Coronel Gia-long, em tom magnífico. — A meu ver o assassino deve ser pessoa totalmente desconhecida por estas bandas. Os mandantes não se arriscariam a usar um homem que mais tarde pudesse ser identificado por garçons e fregueses desse bar. E tem mais: a meu ver este não foi um atentado terrorista, pois, se fosse o caso, o homicida haveria escolhido a mim ou ao meu secretário Tu-duc, que trabalhamos ativamente contra os vietcongs¹.

O Capitão assentiu, e via-se que não ousaria duvidar.

— Eu também penso assim, Coronel! — disse, com voz submissa. — Tenho ouvido dizer que Do Xuan Kahn desempenhou um papel importantíssimo na derrubada dos irmãos Diem. Quem o matou deve ser um partidário do antigo presidente ou de seu irmão.

— Recomendo-lhe, pois, que investigue este caso com especial cuidado, Capitão. Meu pobre amigo morto, Do Xuan Kahn, era muito estimado pelos membros do atual governo. Não esqueça que o irmão dele é um prestigioso sacerdote budista.

— Pode ficar tranquilo, Coronel! Farei o máximo que puder. E verei para que o senhor esteja sempre informado do andamento das nossas investigações.

São chamados de “vietcongs” os vietnamitas do norte, isto é, os comunistas que vivem sob o regime vermelho de Hanói, e praticam atos de terrorismo no Vietnã do Sul como parte de sua guerra psicológica.

Nesse momento chegou o rabecão para levar os despojos fúnebres de Do Xuan Kahn. Afastando-se dos policiais, o Coronel Gia-long e seus acompanhantes foram até o carro oficial do Serviço Secreto que os esperava mais adiante.

— Querem dar-me, o prazer de almoçar comigo? — perguntou, amavelmente, Gia-long a Brigitte e seus dois acompanhantes, Arthur Keeler e o advogado Tien-tsi que se juntara ao grupo. — Minha mulher ficará encantada em recebê-los.

Arthur Keeler, em nome dos três, declinou do convite do Coronel. Tudo porque a jovem repórter já lhe anunciara o desejo de conhecer um restaurante de pratos típicos, na parte mais velha e mais oriental da cidade. Despediram-se do Chefe do Serviço Secreto — que pareceu um pouco amuado com a recusa — e entraram no Studebaker de Keeler, para uma estirada até Cho-Lon. O advogado Tien-tsi, que até então se mantivera calado puxou conversa: — Posso dizer que, malgrado o tiroteio, sua exposição foi um sucesso absoluto, Mademoiselle Montfort. Meu amigo Arthur Keeler demonstrou, mais uma vez, que entende mesmo de assuntos artísticos. É um faiscador de talentos. Seus quadros agradaram em cheio. Estou certo de que os venderá todos aqui em Saigon, onde o “pop art” ainda é um mistério.

Brigitte agradeceu, um tanto encabulada, e notou que o advogado Tien-tsi era malicioso e agudo nos seus comentários. Homem já maduro, rosto expressivo, olhar firme, muito pouco asiático na fisionomia e nos gestos. Um eurasiático, por certo, com uma grande dose de sangue francês. A jovem repórter sentiu-se misteriosamente atraída por ele, e não deixou de observar que o sentimento tinha imediata resposta. Mas, cautelosa, como toda mulher experiente, fingiu indiferença e procurou conversar mais animadamente com seu anfitrião e “contacto” Arthur Keeler. Tien-tsi, no entanto, buscava o diálogo, diplomaticamente, aproveitando-se também do fato de que seu amigo Arthur Keeler, na direção do Studebaker, a caminho do restaurante, não se podia permitir maiores distrações junto a Brigitte.

— Acho que em Paris os terroristas respeitariam um grupo onde estivesse uma bela mulher como você... — disse, levando certa ironia na voz.

A jovem repórter sorriu e atalhou: — Ora, meu caro amigo... no tempo dos atentados da OAS (Organisation de l'Armée Secrete) na França, morreram mulheres mais bonitas que eu.

Os terroristas e fanáticos de qualquer terra, por mais civilizada, não respeitam sequer a estatuária feminina...

As conversas foram se apurando durante o longo percurso até o restaurante de Chang-Li, do outro lado da cidade. Já sentados à mesa, ouvindo as sugestões tentadoras do dono da casa, esqueceram-se por

instantes da tragédia que horas antes haviam presenciado.

Mas ainda nem bem terminavam de degustar o primeiro prato, e já vinha Chang-Li relembrar-lhe o ocorrido, trazendo a notícia, ouvida no rádio da cozinha, como uma gentileza especial aos seus Clientes.

— Última notícia! — informou ele, prestativo.

— A Rádio Saigon acaba de divulgar que o automóvel Austin do assassino foragido era roubado. Foi visto na estrada de Kanhoa, perseguido por uma Mercury vermelha, em louca disparada. Mas uma explosão misteriosa destruiu o cano e o criminoso. A Mercury desapareceu. Do Austin só restam escombros. Tudo muito confuso... muito confuso!

CAPÍTULO TERCEIRO

Como entrar na alta sociedade sem fazer força.

Outra vez o imprevisto no rasto de Brigitte Montfort.

Um advogado que desaparece pode ser um caso de policia.

Dois dias depois, serenados os ânimos, Brigitte oferecia um coquetel à alta sociedade de Saigon. Fim de tarde magnífico, numerosos automóveis começaram a estacionar defronte ao número 75 da Rue Lagrandière, moderno edifício da zona chique da cidade, onde a inteligente repórter havia alugado um apartamento.

Assistida por Arthur Keeler e Tien-tsi, recebia ela, com muita elegância e muito charme, todos os convidados da Galeria Corot. O assassinato de Do Xuan Kahn à saída de sua exposição só contribuía para torná-la mais famosa em Saigon. Por um desses cruéis paradoxos, a tragédia servira-lhe de propaganda. Brigitte Montfort, na sua investidura de pintora francesa, podia-se considerar o sucesso do momento, na capital do Vietnã do Sul.

Nesse começo de noite, recebendo seus convidados, estava ela mais bela que nunca, num modelo original de Balenciaga, em seda preta, ajustando-se maravilhosamente ao seu corpo de estátua. Jóias caríssimas de Van Clef, iluminavam-lhe o decote ousado.

O Coronel Gia-long e sua esposa foram dos primeiros a chegar. Depois vieram diplomatas, oficiais superiores, intelectuais, políticos, banqueiros, industriais e playboys, enfim, representantes da sociedade e do Café Society Saigoriês.

Tu-duc, o secretário de Gia-long, entrou acompanhado de uma jovem vietnamita extremamente bela. Teria uns vinte e cinco anos, e vestia à maneira ocidental. Não muito alta, mostrava, entretanto, desembaraço e elegância fora do comum.

— Minha irmã Ama Wang — apresentou-a Tu-duc a Brigitte. — Esteve na sua exposição, há três dias, mas não conseguiu vê-la de perto. Hoje certamente poderá conhecê-la melhor. Aliás, gosta muito de pintura moderna.

Brigitte sorriu, foi amável com a moça e deu-lhe toda atenção até que um diplomata francês levou-a da sua presença. Nesse momento Tien-tsi aproximou-se e explicou, em voz baixa: — Ama Wang, esta linda irmã de Tu-duc com quem você acabou de conversar, foi casada com um herói sul-vietnamita fuzilado no governo anterior sob a acusação de conspirar contra o regime. Era funcionário do Departamento de Estado, como eu. Ela agora foi nomeada para o posto que fora do seu marido, em recompensa pela sua atuação destacada no movimento que depôs os irmãos Diem.

— É um belo tipo de mulher! — observou Brigitte. — E parece muito segura de si. Tem uma força estranha no olhar!

— Tem mais força do que parece. Será interessante conhecê-la de perto, como prata da casa. — fez Tien-tsi, orgulhoso do produto nacional.

Procurando não demonstrar interesse Brigitte perguntou ao advogado: — Quem são os dois homens que vieram com o Coronel Gia-long e sua esposa?

— Os acompanhantes do Coronel Gia-long não costumam dar os nomes. Devem ser agentes do Serviço Secreto — informou Tien-tsi.

Nesse instante entraram vários repórteres e fotógrafos que se acotovellaram em torno de Brigitte. A bela repórter sofreu, com paciência, as eternas perguntas sobre o caminho da arte e suas implicações com o amor. Afinal, era uma mulher bonita, não podia evitar o delírio da imprensa.

Enquanto as câmaras fotográficas iluminavam o olhar azul de Brigitte, o advogado Tien-tsi e o “marchand” Arthur Keeler atendiam, pacientemente, aos convidados.

Champanhe e caviar em quantidades quase ostentatórias.

Estudado efeito de riqueza perdulária, própria dos artistas recentemente famosos. Depressa se estabelecia aquele clima impessoal dos coquetéis mundanos. Junto a uma ampla janela com vista para a rua, o Coronel Gia-long palestrava com seu secretário. Tien-tsi passou perto deles. O Coronel deteve-o: — Muito simpática a festa! — disse. — Foi ideia sua?

— Eu não tenho ideias tão coloridas, Coronel! — respondeu, sorrindo, o advogado. — Foi iniciativa do Sr. Keeler. Esses americanos quando resolvem dar um show de grandeza, não medem despesas. Aliás, ele está mesmo entusiasmado com a boa acolhida aos quadros da Mademoiselle Montfort. Já a convenceu a ficar uma temporada aqui em Saigon, pintando exclusivamente para sua Galeria.

O Coronel sorriu, malicioso: — O Sr. Keeler sabe o que faz... Junta o útil ao agradável, não acha, Sr. Tien-tsi?

O advogado não respondeu. Olhava agora, muito interessado, através da janela, a estranha cena que se desenrolava na rua lá embaixo. Um bonzo esguio, com a cabeça excessivamente raspada e vestido de vermelho, descera de um automóvel e deixara-se ficar sentado no meio da rua, imóvel, como se estivesse absorto em contemplações, ou dopado. Os carros não diminuam a velocidade por sua causa, apenas evitavam atropelá-lo e tocavam furiosamente a buzina.

De repente as roupas do bonzo pegaram fogo. Isto sucedeu ao ficar ele entre dois automóveis que se cruzavam em direções opostas.

A túnica do bonzo deveria estar embebida de algum líquido inflamável, porque em poucos segundos o infeliz converteu-se numa tocha humana. Seus braços queimados assim violentamente executavam sinistros movimentos de contorção. Gestos desumanos, de pesadelo!

Os transeuntes não tiveram sequer o tempo de pensar em socorrê-lo. Aliás, a população de Saigon já estava acostumada a presenciar cenas macabras de imolação de bonzos em praça pública, desde o ano de 1963, quando o governo dos irmãos Diem perseguia o budismo.

O desfecho foi fulminante. Carbonizado, o bonzo tombou ao solo, como se fizesse sua última prece humilde.

Das janelas do apartamento de Brigitte os convidados assistiam, curiosos e alarmados, o desenrolar da cena terrível. O fanatismo e a incrível coragem daquele monge budista provocava os mais descontraídos comentários.

No alarido das discussões destacava-se a voz de Ama Wang, a bela irmã de Tu-duc, replicando ao seu companheiro, um diplomata francês de fala mansa. Dizia ela: — O homem que morreu ali queimado, à vista de todos, não era um bonzo!

— Mas... tinha a cabeça raspada e as vestes sacerdotais...

— respondeu, fleumaticamente, o francês.

— Isso não prova nada! — argumentou a moça, excitada. — Sou capaz de jurar que a cena foi preparada para causar efeito sobre a população civil. Nossos inimigos tentam por todos os meios, recuperar o poder. Não seria de estranhar que drogassem esse indivíduo, lhe raspassem a cabeça e o vestissem de sacerdote budista para fazer crer ao mundo que o problema religioso continua latente no Vietnã do Sul. O senhor prestou atenção ao momento exato em que as roupas do tal bonzo se incendiaram?

O diplomata fez menção de se recordar: — Se não me falha a memória — disse — foi quando ficou no meio de dois carros que se cruzavam por aquela rua.

— E não notou qualquer coisa de estranho num desses carros? — insistiu Ama Wang, já atraindo para si a atenção de quase todos na sala.

O diplomata sorriu e respondeu, com ironia: — Reconheço que sou um fracasso como detetive, embora goste muito de romances policiais, Que detalhe foi esse, minha linda Sherlock Holmes?

Um olhar de Tu-duc preveniu sua irmã que devia proceder com cautela, sem se deixar arrastar pela emoção.

A moça entendeu e prosseguiu, mediando as palavras: — Quando o automóvel passou à esquerda daquele homem, diminuiu a marcha. A princípio julguei que o tivesse atropelado. Mas o outro carro da direita também fez o mesmo. O suposto bonzo ficou momentaneamente encoberto pelos dois veículos. Depois vi surgir a primeira chama, e compreendi tudo. De dentro do primeiro carro haviam jogado uma mecha acesa sobre ele.

A estas palavras de Ama Wang seguiu-se um murmúrio de espanto. Havia um círculo de curiosos em torno da jovem e do diplomata francês. Tien-tsi, aproximando-se do grupo, confirmou: — Acho que a senhora Ama Wang tem razão. A mim também pareceu que os dois automóveis passaram pelo bonzo no instante preciso em que suas vestes pegaram fogo.

O Coronel Gia-long, nisto tudo, mantinha-se em silêncio, sem aprovar ou desaprovar quaisquer comentários.

Logo depois, cessado o efeito do susto, os convidados começaram a se retirar. Já os repórteres haviam corrido para a rua, tentando a reportagem sensacional sobre as cinzas do bonzo.

O último a sair foi Arthur Keeler.

— Onde está Tien-tsi? — perguntou-lhe Brigitte, estranhando a súbita ausência do advogado, sem qualquer despedida.

Keeler, amuado com aquele interesse da repórter pelo amigo vietnamita, deu uma resposta evasiva: — Deve ter saído com os jornalistas. Tien-tsi, como todo nativo, é muito curioso.

— É estranho! — falou Brigitte, sorrindo. — Pensei que sua curiosidade mais forte, neste instante, estivesse dirigida a mim. Mas saiu sem sequer falar comigo. Quem sabe se a morte do bonzo não o deixou transtornado?

— Ora... — resmungou Keeler.

Brigitte resolveu contemporizar: — Muito obrigada por tudo, meu caro “manager”.

Amanhã irei visitá-lo na Galeria para tratarmos dos nossos planos. Afinal, tudo caminha a contento. Já conheço metade das pessoas importantes de Saigon. Agora tenho de descobrir coisas importantes.

Ficando sozinha Brigitte acendeu o cigarro das pausas meditativas e pôs-se a raciocinar. O desaparecimento de Tien-tsi a intrigava. Foi até a mesa, serviu um uísque puro com gelo e ficou a bebê-lo devagar, entre espirais de fumaça. Andou até a janela para ver se conseguia localizar o advogado entre os grupos de populares que ainda rodeavam as cinzas do monge. Mas já estava muito escuro e toda identificação de fisionomias à distância lhe teria sido impossível. Aborrecida, desceu as persianas e encaminhou-se para o dormitório.

La colocar a mão na maçaneta da porta quando um ruído estranho lhe chamou a atenção. Com cautela encostou o ouvido à porta. Não, não se tratava de um ruído qualquer.

Havia alguém dentro do quarto! Podia-se ouvir claramente o soar abafado dos seus passos no tapete.

Pânico não era compatível com o temperamento de Brigitte. Medo, sim. Um medo controlado e necessário dominou-lhe os pensamentos. Lentamente tirou os sapatos, voltou à sala, meteu a mão num belo vaso chinês da dinastia Ming e de lá retirou sua famosa pistolinha de cabo de madrepérola. Pé-ante-

pé aproximou-se, outra vez, da porta do dormitório. Os passos haviam cessado. Silêncio absoluto! Brigitte inclinou-se cuidadosamente e espiou pelo buraco da fechadura durante alguns segundos. Depois voltou à posição normal sorrindo, e pensando com seus botões: — Devia ter imaginado isso... Mas se ele acha que me surpreende vai ver uma coisa.

Foi à cozinha, apanhou um grande facão, sujou-se propositadamente, no peito, com um pouco de molho de tomate, voltou à sala, deixou-se cair no chão como se tivesse sido ferida por um assaltante, arrumou o facão com a ponta avermelhada pelo molho, bem ao seu lado, e deu início a um ato de fingimento. Gemeu em bom francês: — Ai, ai! Socorro! Estou morrendo! Fui assaltada!

A porta do quarto abriu-se com violência e de lá saiu o advogado Tien-tsi, como um raio, para tomar conhecimento do que acontecia. Vendo Brigitte caída no chão, parecendo morta, teve duas reações: ficou alarmado e a um tempo cheio de ternura.

Tomou-a nos braços, carinhosamente, fê-la deitar no sofá, e nisso tudo ia perguntando: — Minha querida, meu amor... que foi que lhe aconteceu? Quem lhe fez isso?

Brigitte fingia, perfeitamente, estar quase desacordada.

Só gemia, como uma gata dengosa, e aquilo punha o advogado no auge da compaixão. Ia ele tentar examinar-lhe o suposto ferimento no peito, quando a jovem repórter envolveu-o subitamente num abraço. E como estivessem ambos muito próximos, só poderia mesmo caber um beijo entre eles. Foi o que aconteceu, para espanto de Tien-tsi que a julgava quase morta.

Agora Brigitte, erguida no sofá, sorria o mais tentador dos sorrisos, revelando toda a brincadeira. Tien-tsi balançava a cabeça, ainda admirado. A repórter ficou, de repente, sisuda e resolveu perguntar: — Que fazia o senhor no meu quarto? Não me diga que é um hábito de Saigon despedir-se das senhoras na alcova!

Vieram as explicações. Tien-tsi estava mesmo apaixonado pela jovem repórter. Buscava uma ocasião de falar-lhe a sós, mas achava quase impossível fugir à vigilância canina de Arthur Keeler. Tivera a ideia de trancar-se no quarto, antes do fim do coquetel. Não para assustá-la, evidentemente, nem para tentar pedir-lhe favores impossíveis — que ele não era um sujeito desse tipo — mas simplesmente por amor, pelo desejo de vê-la de perto, sem companhias.

A repórter aceitou como válidas as explicações, mas ficou ainda um pouquinho desconfiada. Tivera uma demonstração espontânea e indisfarçável de carinho, do advogado, no instante em que a julgara morta. Mesmo assim dava tratos ao pensamento buscando outras relações.

Teria Tien-tsi desconfiado do seu trabalho de agente secreto em Saigon? Seria ele também um espião, ou um contra-espião?

A conversa prolongou-se por duas horas, e terminou com esta frase do advogado sul-vietnamita, despedindo-se de Brigitte: — Estou mesmo apaixonado por você, além de interessado no seu trabalho... Quem sabe, um dia não encontraremos uma afinidade qualquer?

A repórter fingiu não perceber qualquer segundo sentido neste pronunciamento. Mas ficou deveras preocupada.

CAPÍTULO QUARTO

Uma revelação sensacional traz mais conclusão ao caso já emaranhado.

A iniciativa do Coronel e o álibi que não prevalece.

Violência sem resultado.

Mais vale um princípio do que um objetivo.

Procurando conter sua impaciência, o secretário Tu-duc andava nervosamente de um lado para outro na antecâmara do gabinete do Coronel Gia-long. O ordenança, de cara fechada, sentado em frente à porta, distraía-se alisando o espesso bigode.

Tu-duc voltou a insistir: — Preciso falar com o Coronel, imediatamente! É assunto da maior importância!

O ordenança foi categórico: — Já expliquei que terá de esperar até o Coronel ficar sozinho. Deu-me ordens severas de não deixar entrar quem quer que fosse no seu gabinete enquanto estivesse conferenciando com o General Nguyen Ton Mau.

Desanimado, Tu-duc indicou o telefone. O ordenança negou: — Não adianta... o Coronel já tirou o fone do gancho para não ser incomodado.

— Avise-me quando o General for embora — pediu, resignado, Tu-duc. E abandonando a antecâmara dirigiu-se ao seu gabinete particular que ficava próximo ao do Coronel.

Tentou absorver-se no trabalho. Abriu algumas pastas de documentos, ao acaso. Mas as letras dançavam diante de seus olhos, tornando impossível a leitura. Levantando-se, entreabriu a porta para espiar o corredor. Daí a pouco viu sair o General Nguyen Ton Mau, acompanhado de Gia-long. O General era homem entrado em anos, magro, alto, de olhar penetrante. Dava a impressão de ser uma pessoa audaz, soberba, ambiciosa.

O Coronel Gia-long acompanhou-o até o elevador.

Regressando ao seu gabinete lá encontrou Tu-duc a esperá-lo junto à porta. Convidou-o a entrar, com um gesto brusco.

Era estranho! Apesar de ser o primeiro secretário do Coronel, Tu-duc não tinha livre acesso ao “santuário” do seu chefe. Aliás, ninguém tinha. Gia-long, como Diretor do Serviço Secreto sul vietnamita mantinha férrea disciplina no serviço, e para alguém entrar no seu gabinete era preciso fazer-se anunciar pelo ordenança.

Os funcionários mais graduados às vezes estranhavam tão severa determinação, mas conhecendo o caráter ríspido do chefe inflexível terminavam por compreender e acostumar-se.

Tu-duc foi logo soltando o que tinha a dizer: — Faz meia hora, recebi um telefonema de minha irmã Ama Wang.

— Que lhe disse ela? Seja rápido, disponho de pouco tempo! — rosnou o Coronel. E para demonstrar que estava mesmo com pressa, permaneceu de pé, junto à mesa. Tu-duc resolveu ser mais claro: — Minha irmã suspeita de que estejam articulando uma nova conspiração contra o Governo.

— Não é novidade! — retrucou o Coronel, sarcástico e prepotente.

— Sim, meu Coronel! — concordou Tu-duc. — Mas acontece que agora os traidores estão infiltrados no próprio Departamento de Estado.

Como atingido por uma descarga elétrica, Gia-long ficou rígido, as sobrancelhas levantadas, interrogativamente.

— Sabe o que está afirmando, Tu-duc? — perguntou, ao cabo de alguns segundos.

— Sim! Quis alertá-lo imediatamente, mas o ordenança não me deixou entrar. O senhor estava ocupado com o General Nguyen Tom Mau.

— Bem, vejamos em que se baseia sua irmã para asseverar uma coisa tão grave — fez Gia-long, agora amistoso, caminhando em torno da mesa, como uma pantera mansa. Seu tom frio mostrava que já se havia recuperado do assombro inicial.

— Minha irmã interferiu casualmente numa ligação telefônica! — começou Tu-duc. — Resolvera convidar uma colega para fazer compras. Ao colocar o fone no ouvido surpreendeu um diálogo entre dois homens que falavam muito depressa.

— Por Buda! Vamos ao essencial! Que diziam eles? — gritou o Coronel, dando violento soco na mesa.

O rapaz olhou-o estranhando. Seu chefe parecia transtornado pela notícia. Mas lembrou-se que poderia ter havido uma discussão entre ele e o General Nguyen Ton Mau, recém-saído do gabinete, que lhe tivesse arruinado o fígado. Eram ambos temperamentais e autoritários. Tu-duc prosseguiu: — O que minha irmã conseguiu ouvir foram frases isoladas, assim como: — “Está tudo pronto”... “Às seis, no cruzamento da estrada de Mytho com a de Pakong”... “O carregamento a ser desembarcado”.

A esta altura o rosto do Coronel já estava mais calmo.

Pôs a mão sobre o ombro do secretário, dizendo: — Tu-duc, peço-lhe que transmita a sua irmã todas as minhas calorosas felicitações pelo ótimo trabalho. Foi uma ideia acertada empregá-la no Departamento de Estado como nosso elemento de ligação. Vou sugerir que lhe seja concedido um prêmio especial.

— Obrigado em nome dela, Coronel, mas o prêmio é desnecessário. Ama Wang faz tudo desinteressadamente, por amor à causa. Odeia, como eu, a todos os partidários da família Diem que ainda conspiram neste país. Quando esses canalhas mataram nosso pai e o marido dela, decidimos consagrar nossas vidas à derrubada do maldito regime.

Tu-duc falava transfigurado e era sincero no seu ardor.

Suas mãos tremiam espasmodicamente ao pronunciar tais palavras.

— Sua irmã conseguiu afinal apurar a identidade da pessoa que falava ao telefone? — perguntou o Coronel, de supetão.

— Tentou fazê-lo, mas não foi possível. Na mesa telefônica do Departamento informaram-lhe que nada menos que seis funcionários haviam falado para fora naquele mesmo período de tempo.

— O advogado Tien-tsi era um deles?

Tu-duc assentiu com a cabeça, e ao notar o olhar malicioso do Coronel teve a certeza de que ruminava suas mesmas suspeitas. Seguiu-se breve silêncio em que Gia-long puxou um cigarro americano, de contrabando, e acendeu-o, meditativo. De repente, ergueu o rosto e olhou fixamente nos olhos do secretário.

— Gostaria de conhecer sua opinião pessoal sobre este caso — disse. — E a de sua irmã, naturalmente.

— E muito simples, coronel. Ama Wang e eu achamos que o inimigo conseguiu infiltrar-se em nossas próprias fileiras. O que eles preparam é um desembarque de armas.

— Tu-duc, vou pedir-lhe um favor — exclamou o coronel, irritado. — Deixe-se de circunlóquios e ataque diretamente o assunto, O que desejo saber é se essas armas estão destinadas aos guerrilheiros vietcongs ou aos partidários de fiem, para tentar um golpe de Estado.

— Há um meio de averiguar isso, Coronel. Acho que não preciso dizer-lhe qual é.

— Não precisa mesmo — confirmou Gia-long — e é exatamente o que vamos fazer. Os comunistas são tão inimigos nossos como os adeptos do antigo regime dos irmãos Diem.

Usando um telefone interno, ordenou: — Preparem o carro blindado imediatamente.

A seguir cruzou, em diagonal, o gabinete, detendo-se diante de um imenso mapa que ocupava quase toda a parede. Apanhou uma vareta comprida e com ela pôs-se a procurar a estrada de Mytho. Quando a encontrou, voltou a dirigir-se ao jovem: — Se as suas suspeitas se confirmarem, faremos um serviço perfeito. Avise a dois agentes e espere-me dentro do automóvel, lá embaixo. Descerei dentro de dez minutos.

No instante em que o carro do coronel entrava na estrada de Mytho, o sino de uma longínqua igreja católica batia a quinta badalada.

Junto ao chefe do Serviço Secreto ia Tu-duc. Noutro automóvel, de cor preta, três asiáticos seguiam, a prudente distância, o possante Oldsmobile do coronel.

Em todo o trajeto apenas encontraram dois caminhões de carga. Ao chegar ao cruzamento da estrada de Mytho com a de Pakong, o coronel ordenou ao motorista que parasse. O outro automóvel fez a mesma coisa, mas ninguém desceu dele.

Gia-long apeou-se em companhia do seu secretário. Um brilho sádico iluminou-lhe os olhos oblíquos quando observou o denso arvoredado à margem da tortuosa e estreita estrada. Para o que pretendia realizar aquele cenário era importante.

Depois de estudar atentamente o terreno pediu a Tu-duc, com um sorriso de satisfação: Diga aos rapazes que venham.

Minutos depois estava rodeado pelos três indivíduos do outro carro e seu secretário. Indicando o espesso arvoredado, ordenou ao motorista: — Coloque o automóvel ali, com o motor em movimento. Um dos dois — e apontou para os companheiros do motorista — vai ficar encarregado de fazer sinal visando que se aproxima nosso “pássaro”. Então você atravessará o carro na estrada, de maneira a impedir que esse indivíduo possa escapar.

— Perfeitamente, senhor.

— Quanto a vocês — preveniu Gia-long aos demais — não façam uso das metralhadoras a não ser em caso extremo. Quero apanhá-lo vivo, para obrigá-lo a falar.

Dadas as instruções necessárias, o coronel e o secretário voltaram a subir no Oldsmobile, que ficou estacionado cem metros depois dos outros automóveis.

Armando-se de paciência, esperaram.

O ronco de um motor ao longe, enrijeceu-lhes os corpos.

O chofer do coronel afirmou com segurança: — É um Chevrolet. Tive um, durante quinze anos, e sei reconhecê-lo pelo barulho.

A operação de bloquear o Chevrolet transcorreu tal como Gia-long planejava.

Ao deixar a estrada de Mytho para entrar na de Mekong, o condutor do Chevrolet teve de frear precipitadamente vendo atravessado no caminho outro veículo. Dois homens surgiram do arvoredado, de repente, apontando metralhadoras portáteis.

Os ocupantes do Chevrolet interceptado eram Tien-tsi e uma senhora.

Da garganta da mulher sentada ao lado de Tien-tsi, escapou um grito de espanto ao notar os dois indivíduos que avançavam para o carro, com o dedo no gatilho.

Era uma jovem vietnamita muito bonita. Vestia-se à moda ocidental. Tien-tsi procurou acalmá-la: — Não se assuste, não vai acontecer nada. Trata-se de um equívoco, sem dúvida.

Deveria ter suas razões para expressar-se com tanta certeza e confiança. Acabava de enxergar o coronel e seu Secretário, que se aproximavam do Chevrolet. Abriu a porta do automóvel e perguntou a Gia-long, com impaciência: — Que significa esta brincadeira de mau-gosto, coronel?

O militar encarou-o friamente. Depois inquiriu, imperativo e ríspido: — Quem é esta senhorita?

— Uma artista, amiga minha. Seus pais residem em Mytho. Sou advogado deles num processo sobre demarcação de terras.

Naquele instante ouviu-se o ruído de outro motor. Tu-duc exclamou, agitado, apontando para a estrada: — Coronel, é um jipe! Deve ser o tal sujeito que vinha encontrar-se com...

Interrompeu o que estava dizendo ao ver o jipe diminuir, de repente, a marcha e, manobrando rapidamente para a esquerda, enfiar-se no meio do arvoredo, onde desapareceu em poucos segundos.

Tinha acontecido o seguinte: o motorista do jipe ao avistar homens armados de metralhadoras e um carro atravessado no meio da estrada, percebera que algo de anormal estava sucedendo, e preferira fugir.

Gia-long maldisse entre dentes a falta de sorte de haver o condutor do jipe suspeitado do automóvel de seus agentes interceptando o caminho. E gritou enraivecido: — Depressa, sigam esse sujeito. É preciso detê-lo.

Os três agentes entreolharam-se, em dúvida, mas acabaram obedecendo. Compreendiam que não era possível conseguir nada, Um automóvel de passeio não acompanha um jipe em terreno irregular. Seria diferente se a perseguição se desenvolvesse na estrada.

Gia-long gritou ao secretário: — Avisa ao meu chofer que se aproxime com o Carro.

Tien-tsi abandonou então sua imobilidade de estátua, mas não a fleuma: — Coronel, tomo a liberdade de lembrar-lhe que sou advogado do Departamento de Estado e que o senhor não pode prender-me arbitrariamente.

— Discutiremos isso no meu gabinete — respondeu Gia-long, sem ligar importância à advertência de Tien-tsi.

— Continuo sendo de opinião que o senhor está exorbitando de suas atribuições — insistiu o moço, com frieza. — Conduzir-nos ao seu gabinete significa que vamos ser detidos, e isso é muito grave, coronel. Para acusar uma pessoa tem de apresentar provas. O senhor ainda não nos disse por que estamos detidos aqui.

— Já lhe falei que no meu gabinete esclareceremos isso e outras coisas mais! — berrou, irritado, o coronel. — Subam no automóvel.

A jovem acompanhante de Tien-tsi olhou para este, apavorada. Seu rosto lívido e os olhos denunciavam intenso medo.

— Esta moça tem que ir para casa. Seus pais a esperam, coronel! — observou Tien-tsi, sem muita ênfase.

— Que esperem! — respondeu Gia-long, escarninhamente.

Dirigindo-se à assustada jovem, tranquilizou-a: — Não tenha receio, senhorita, logo que provemos sua inocência poderá ir ao encontro de seus pais.

Quanto ao seu carro, senhor advogado do Departamento de Estado, mandarei depois um dos meus agentes apanhá-lo. Vamos.

ENQUANTO ISSO

Noutra parte da cidade, Brigitte Montfort, resolvendo começar a agir como verdadeira agente do serviço secreto americano, e tendo recebido instruções de Arthur Keeler, entrava num automóvel de aluguel e dava o endereço de Tien-tsi ao chofer de cara pacífica.

Seguiram até a Rua Catinat, onde morava o advogado, num velho edifício de quatro andares, estilo “belle époque”.

O motorista, vendo o enorme caminhão de mudança estacionado bem em frente ao número indicado por Brigitte, foi obrigado a parar dez metros adiante. A jovem pagou a corrida, saltou do táxi e dirigiu-se à entrada.

Passou por dois carregadores empenhados em libertar um pesado guarda-roupa das cordas com que descera do alto do edifício.

Os homens, absortos na sua tarefa, nem deram pela presença da moça. Lá de cima, uma voz forte e alcoolizada rompeu o silêncio: — Vamos, que estão esperando? — Soltem as cordas de uma vez! Aqui não é lugar de dormir!

O prédio tinha uma escada ampla e bem iluminada, com degraus baixos. Brigitte não encontrou viva-lma no saguão, nem na escada. Subiu até o último andar.

Chegando ao corredor, dobrou à esquerda. Parou diante da porta do apartamento de Tien-tsi. Por medida de precaução, apertou a campainha, que soou no silêncio, durante alguns segundos.

Ninguém atendeu. Voltou a chamar, sem qualquer resposta. Abriu então a bolsa e tirou seu providencial molho de chaves falsas, as gazuas do serviço.

Antes de introduzir uma delas na fechadura, certificou-se de que o corredor continuava deserto. Teve de experimentar cinco chaves até conseguir fazer funcionar a lingueta. A porta abriu-se suavemente, para dentro.

A primeira coisa que lhe chamou a atenção, ao entrar na sala, foi um grande retrato de Tien-tsi, pendurado na parede.

Vestia toga de advogado e tinha na cabeça o cabelo. Pareceu-lhe bonito apesar de antiquado.

O apartamento, embora pequeno, era muito bem decorado. Móveis trabalhados em madeira de lei, de linhas sóbrias. Tudo muito limpo e distinto. Brigitte já se tinha informado que a porteira encarregava-se da arrumação do lar de Tien-tsi. Dados fornecidos por Arthur Keeler.

Continuou examinando tudo, mas sua presença ali não seria apenas para admirar as imitações de quadros do pintor budista Wang Wei, expostas no escritório do advogado, nem para extasiar-se contemplando os delicados vasos de porcelana da época Sung, dispostos na sala.

Calçando um par de luvas de borracha, iniciou a busca que pretendia realizar no apartamento de Tien-tsi, estando ele ausente.

Começou pelo próprio escritório.

Gavetas, pastas, estantes, quadros, tudo foi minuciosamente revistado. Fê-lo com ordem, sem estabramento, deixando as coisas nos mesmos lugares.

Brigitte era uma “expert” nisso.

Depois chegou a vez da sala, do quarto de dormir, do banheiro, da cozinha. Nada escapou à sagaz atenção da repórter.

Ao terminar a escrupulosa inspeção do apartamento, sem encontrar os indícios que procurava, a jovem franziu a testa, decepcionada.

— Onde terá ele escondido seus documentos? — murmurou, pensativa.

Estava na sala, olhando a porta envidraçada que dava acesso ao terraço. Tien-tsi lhe dissera que no verão costumava jantar ali.

Num dos cantos do terraço viu um armário verde. Sobre o móvel, vasos de flores da terra, ainda exalando perfume.

Uma suspeita empolgou subitamente Brigitte. Não estaria ali o que tinha buscado em vão? Tien-tsi, como bom asiático, deveria ter usado um esconderijo dos seus papéis importantes à altura da tradição de astúcia da raça amarela.

Abriu a porta de vidro e entrou no terraço. Olhando para dentro do armário ficou desanimada. Só viu utensílios de jardinagem e alguns vasos de barro, vazios. Nada que constituísse uma revelação.

No instante exato em que pretendia retornar à sala, detectou um barulho de passos e vozes no terraço ao lado.

A altura da parede divisória, entre um terraço e outro, era de metro e meio se tanto. Instintivamente, ela se abaixou no canto junto ao armário.

— Você sabe o que estou pensando? — ouviu perguntar uma voz baixa e rouca. — Deixar cair a geladeira quando esse indivíduo passar aí em baixo.

— Esplêndida ideia! — respondeu outra voz, rindo. — Os sapos devem morrer esmagados.

Brigitte deduziu que aqueles dois homens seriam companheiros dos empregados da agência de transportes que encontrara na porta do edifício. Os móveis que estavam descendo pertenciam, portanto, ao apartamento ao lado. Compreendeu que, enquanto aqueles homens permanecessem no terraço, ela teria que ficar ali para evitar ser descoberta.

— Estou falando sério — exclamou de novo a voz alcoolizada. — Um canalha desses não merece continuar vivendo.

— De acordo — observou o companheiro, — mas o que você quer fazer não é possível.

— Por quê? Basta soltar as cordas quando ele for entrando no prédio. Será esmagado sem apelação.

— E depois seremos nós — replicou o segundo, com sarcasmo. — Atrás do Coronel vêm uma porção de policiais.

— Acidentes desse gênero são comuns — grunbiu o primeiro, mal-humorado.

— Sim, com a diferença que desta vez a vítima é personagem importante e nos enforcariam num pedaço de corda.

— Pensei que você o odiava tanto quanto eu.

— Certamente — respondeu o outro, depressa, — mas nós temos cabeça para usá-la. Se tivesse certeza de que o coronel Gia-long morreria esmagado, como uma barata, eu seria o primeiro a soltar as cordas.

Brigitte, ao ouvir o nome do chefe do Serviço Secreto, sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha.

— Então, nada feito! — resmungou a voz avinhada. — Vou avisar aos nossos companheiros que se preparem para receber a geladeira.

Súbito barulho de freios de automóveis lá em baixo, na rua.

O outro se inclinou no peitoril do terraço, para espiar o que estava sucedendo. Depois, dirigiu-se, excitado, ao companheiro: — Olha! É alguma coisa grave! Vi o porteiro indicando, para o coronel, o apartamento ao lado. Gia-long em pessoa ordenou a seus homens que cercassem o edifício, e entrou junto com dois tiras. Que acha você disso?

— Que vão fechar o paletó de alguém — respondeu, lugubrememente, o outro. — Quando arrancaram meu filho de casa para matá-lo, por haver pertencido à guarda pessoal do presidente Diem, usaram a mesma tática. Foi o próprio coronel quem subiu, com três agentes, para levá-lo São muito valentes esses assassinos... quando estão aos bandos... — finalizou, com desprezo.

As palavras daquele homem fizeram estremecer Brigitte.

Não havia mais dúvida de que Gia-long dirigia-se justamente ao apartamento do advogado.

Espremeu os miolos, à procura de uma saída para a ratoeira onde se metera.

Tinha de agir imediatamente, se quisesse escapar. Mas que fazer? Estava num quarto andar e os corredores e escadas já se encontravam bloqueados pelos homens do Coronel.

No terraço, ao lado, os carregadores haviam terminado de descer a geladeira. A voz alcoolizada voltou a fazer-se ouvir: — Enquanto eu tiro as roldanas, você vai enrolando o tapete da sala. Podemos levá-lo nos ombros.

O tapete!

Estas duas palavras quase fizeram com que Brigitte rompesse numa alegre gargalhada, inexplicável em circunstâncias tão dramáticas. Conteve-se a tempo, foi até a sala e apanhou uma cadeira que encostou ao muro divisório dos dois terraços. Com agilidade transpôs o obstáculo e penetrou no outro apartamento.

A súbita aparição de Brigitte na porta que comunicava o terraço com a sala desconcertou os dois trabalhadores. Por instantes chegaram a pensar que aquela monumental morena de olhos azuis seria uma miragem.

Um deles tinha começado a enrolar o luxuoso tapete de dois metros de largura por três de comprimento. O outro fazia um pacote com as cordas e roldanas.

Brigitte resolveu agir depressa, e improvisou uma cena melodramática. Juntou as mãos exclamando, com acento patético: — Salvem-me desse monstro, pelo amor de Deus!

Tocava na corda certa. Se o filho de um daqueles indivíduos pertencera à guarda pessoal de Diem, logicamente devia ser católico.

Os dois homens se olharam, espantados. A surpresa lacrara suas bocas. O que estava embrulhando as cordas e roldanas foi o primeiro a sair da perplexidade em que os lançara o surpreendente aparecimento da jovem.

Era um sujeito forte, de estatura mediana, e tresandava a bebida. Coçando a cabeça, perguntou: — Como conseguiu entrar aqui?

Brigitte explicou: — Pulando o muro que separa este apartamento do outro, de meu amigo Tien-tsi. Eu me achava lá quando vi aparecer, na rua, o coronel e seus agentes.

— É desse homem que a senhora quer fugir?

Ela assentiu com um gesto. Depois resolveu mentir rapidamente: — O coronel Gia-long me persegue sem descanso. Quer obter de mim certos favores em troca da liberdade de duas amigas minhas, cujo único crime consiste em terem sido damas de companhia da cunhada do finado presidente Diem. Consultei o advogado Tien-tsi sobre o que deveria fazer, e ele deu-me a chave de seu apartamento para que eu me escondesse aqui até seu regresso.

— Eu não disse a você que o porteiro havia indicado ao coronel o apartamento do lado? — interveio o outro carregador, animado.

Brigitte abriu a bolsa e apanhou algumas dezenas de dólares. Depois tirou a pulseira que trazia consigo e estendendo a mão ofereceu a jóia e o dinheiro aos dois homens, que acompanhavam seus movimentos, ainda espantados.

— Se conseguirem libertar-me das garras do coronel Gia-long, lhes darei o dobro disto aqui — prometeu, aliciante, Brigitte.

Os trabalhadores ficaram emudecidos com a generosa oferta da moça. Em seus rostos lia-se claramente a cobiça despertada pela visão da jóia e do dinheiro.

— Acho que devemos fazer algo por esta jovem indefesa — falou, ao fim, o da voz avinhada. — Não podemos consentir que o coronel ponha suas mãos asquerosas nela.

E, além do mais, sua oferta não é de se desprezar.

— Eu também acho, Lien-Pei — Comentou o outro, pensativo. — Mas não vejo como poderíamos ajudar esta moça. O coronel e seus capangas já devem estar chegando aqui.

Um sorriso de alívio distendeu os lábios de Brigitte.

Reanimada, a jovem voltou a estender a mão com o dinheiro e a jóia.

— Aceitem. Depois lhes darei mais.

— Não se trata disso — replicou Lien-Pei, aborrecido.

— Nós queremos o dinheiro e a jóia, mas não sabemos como tirá-la -daqui.

Brigitte apontou o dedo para o tapete.

Os dois homens se entreolharam, perplexos. Depois começaram a rir animadamente.

— Genial! — exclamou Lien-Pei. — Por que não pensamos nós nisso?

Dirigindo-se à moça, o carregador pediu-lhe: — Deite-se na ponta do tapete, vou enrolá-la nele. Os tiras não desconfiarão de nada.

Num instante, Brigitte foi enrolada no tapete como nova Cleópatra. As duas aberturas ficaram parcialmente obstruídas com pedaços de pano.

Carregando o tapete nos ombros, os dois homens começaram a descer a escada. Ao chegar ao terceiro andar, um ruído de passos subindo gelou o sangue de Brigitte.

— Saíam do caminho — ordenou alguém com prepotência.

Era o coronel Gia-long, sem dúvida. Aquela voz áspera e autoritária só podia ser dele.

Lien-Pei desculpou-se, humilde: — Perdão, senhor, não atrapalharemos mais. Já acabamos de esvaziar o apartamento.

Foram alguns segundos de terrível angústia.

Principalmente para a jovem que, enrolada no tapete, não podia ver o que se passava.

Recuperou o fôlego ao ouvir os passos de Gia-long e seus esbirros encaminhando-se para o quarto andar.

Entretanto, Lien-Pei e seu companheiro desciam a toda pressa.

Pouco depois teve a impressão de ser levantada no ar.

Gritos, risadas, barulho de portas metálicas se fechando fizeram Brigitte supor que já estava dentro do caminhão.

O ronco do motor, ao ser posto em funcionamento, confirmou sua suposição. A seguir a voz alegre de Lien-Pei ecoou através de uma das aberturas do tapete: — Pode ficar tranquila, senhorita, tudo deu certo.

O coração de Brigitte começou a pulsar mais devagar.

Escapara milagrosamente de ser apanhada numa ratoeira pelo coronel. Se Gia-long a encontrasse no edifício, sua condição de agente secreto americana ficaria desvendada.

Para ajudar a passar o tempo na sua prisão temporária, a moça imaginou as caras decepcionadas que o Inspetor Pitzer e o chefe dela, Miky Grogan, fariam ao saber que a famosa Brigitte Montfort fora apanhada com a boca na botija por um desconhecido coronel sul-vietnamita. Tivera muita sorte. Se não fosse o tapete... e a lembrança da história de Cleópatra...

CAPÍTULO QUINTO

Onde se pode ver que um torturado nem sempre lambe as botas do seu algoz.

As máscaras de seda no meio da noite.

Permuta de homens.

O telefonema da madrugada.

O coronel parecia uma fera enjaulada, Com rápidas passadas atravessava, de um extremo a outro, seu amplo gabinete de trabalho.

— Temos que achar essa mulher ainda hoje. — Rosnou ele, como um leão.

— Por que o senhor tem tanta certeza de que foi a pintora Brigitte Montfort quem revistou o apartamento do advogado? — arriscou-se a perguntar Tu-duc.

O coronel lançou-lhe um olhar mortífero, mas o secretário, sem se perturbar, continuou: — O porteiro nos afirmou que não viu entrar no edifício qualquer mulher cujos traços correspondessem aos de Mademoiselle Brigitte.

— E também afirmou que teve de abandonar a portaria por vários instantes, para atender sua esposa que se encontra doente — atalhou Gia-long, todo mordaz. — Ela pode muito bem haver entrado durante esse espaço de tempo em que a portaria esteve desguarnecida.

— Os empregados da agência de mudanças a teriam visto, coronel! — argumentou o secretário. — Eles juraram que não entrou qualquer mulher ocidental no edifício enquanto lá permaneceram.

— Tu-duc, se você já tivesse estado em Paris, como eu, conheceria os perfumes da casa Carven. Dentre eles há um que parece ser o predileto da Srta. Brigitte, Chasse Gordée.

Notei que ela o usava na abertura da exposição na Galeria Corot, e depois na festa em casa dela. Era justamente esse o perfume que nos chamou a atenção, meu prezado, ao entrarmos no apartamento de Tien-tsi.

— É, o senhor deve ter razão — disse Tu-duc, não de todo convencido.

— Falta saber o que estava ela procurando ali — comentou o coronel. — Vamos descer ao calabouço para interrogar novamente o advogado. Terá de dizer-nos o que guardava em seu apartamento de tão importante.

— Será que esse homem tem algum elemento de ligação em nosso Serviço Secreto? — perguntou Tu-duc, preocupado. — Parece-me sintomático que os amigos dele hajam sido avisados, imediatamente, de sua prisão.

— Você ainda precisa aprender muito! — observou o coronel. — Esqueceu-se do sujeito que fugiu do jipe. Ele deve ter avisado aos outros do ocorrido.

Percebendo que o secretário ia insistir, Gia-long encerrou o assunto com rudeza.

— Estamos perdendo lamentavelmente muito tempo com divagações inúteis. Tenho a convicção de que Tien-tsi é um dos chefes da organização contra-revolucionária que, articulada com o governo francês, procura derrubar o atual regime. Precisamos obrigar o advogado a revelar os nomes de seus cúmplices. Se assim poderemos abortar esse movimento subversivo.

— Usaremos métodos especiais, coronel?

Tu-duc formulara a pergunta, contrafeito, ao notar o brilho feroz que luzia nos olhos de seu chefe.

— Para obrigar esse individuo a falar estou disposto a tudo — respondeu Gia-long, contorcendo os lábios num esgar sádico. — Se continuar teimando em sua absurda afirmação de que se dirigia a Mytho para tratar do processo em que estão envolvidos os pais da moça, mandarei que lhe façam experimentar o tormento da água. Não creio que resista, mas se o conseguir, ainda resta o recurso das velas.

O secretário não conseguiu conter um estremecimento, que lhe percorreu o corpo, ao ouvir mencionar esses dois suplícios. Repugnava-lhe o uso de procedimentos tão bárbaros.

O tormento da água consistia em obrigar a vítima a ingerir uma quantidade enorme de líquido, administrado através de um funil enfiado na garganta.

A tortura das velas era aplicada ao réu numa cadeira de ferro, que o carrasco aproximava ao fogo. Entre os dedos dos pés velas acesas. A cadeira se aquecia e os tacos das velas queimavam horrivelmente os dedos da vítima.

Gia-long, que percebera o tremor do secretário, recriminou-o: — Você é demasiado emotivo para a profissão que abraçou, Tu-duc.

Fez uma pausa e acrescentou com gravidade.

— Quando se trata da segurança do Estado não podemos ficar com muitos escrúpulos, O governo confia em nós e nosso dever é assegurar a continuidade do regime. Para isso fomos postos no Serviço Secreto.

Dando por terminada a conversa, Gia-long encaminhou-se até a parede onde estava pintando um mapa da região.

Apertou um dos botões vermelhos que assinalava certa cidade e uma porta secreta se abriu na parede. Desceram, por uma escada úmida, aos calabouços do Serviço Secreto, Ao ouvir girar a chave na fechadura de sua cela, Tien-tsi ergueu um pouco o corpo — estava deitado numa enxerga — e olhou para a porta.

Seu aspecto era deplorável. Manchas violáceas obscureciam seu rosto, tinha os lábios inchados. O torso nu revelava a violência com que fora flagelado horas antes.

Numerosos lanhos sangrentos sulcavam suas costas.

Mas o tremendo castigo não lhe abalara o animo.

Esforçando-se por sorrir, interpelou Gia-long: — Coronel, erros desta espécie costumam custar caro.

— Não duvido — respondeu o militar, sarcasticamente.

— O erro foi todo seu. Em vez de contentar-se com sua invejável posição de chefe do serviço jurídico do Departamento de Estado, cometeu a loucura de associar-se aos que conspiram para derrubar o regime.

— Na sua modesta opinião, é claro! — ironizou Tien-tsi.

— Temos provas! — gritou o coronel enfurecido.

A impassibilidade do advogado, seu tom satírico, conseguiam exasperar o militar.

Tien-tsi, imperturbável, insistiu: — Suponho que já terá comprovado que minha viagem a Mytho, com aquela moça, devia-se realmente ao fato de eu estar defendendo os interesses dos pais dela.

O coronel aproximou-se da enxerga. Seus olhos lançavam faíscas. Não estava convencido de que o alibi do advogado era falso. Tien-tsi, previdentemente, se teria munido de uma desculpa para justificar sua presença na estrada, àquela hora.

Espetou-lhe uru dedo no peito e falou, mastigando as palavras: — Você pensa que é muito esperto, Tien-tsi, mas já lhe advirto que sua esperteza o conduzirá direitinho ao túmulo, se não mudar de atitude.

— Quer dizer, coronel, que serei liquidado se não declarar que faço parte de alguma organização secreta empenhada em dar um golpe de Estado?

— Tire suas próprias conclusões! — respondeu Gia-long, friamente. — A única maneira de salvar o pescoço é fazer uma declaração, contando-nos com quem ia encontrar-se naquela estrada e onde pretendem desembarcar o carregamento de armas.

— Apenas isso, coronel? Julguei que também me pediria os nomes dos tripulantes dos discos voadores.

— Não, por enquanto só nos interessa saber o que acabo de perguntar-lhe: o nome e o endereço do sujeito que escapuliu no jipe.

Tien-tsi soltou uma sonora gargalhada. Depois encarou seriamente os dois homens.

— O senhor é muito desconfiado, coronel. Quem lhe disse que conheço aquele homem? Por que não quer admitir que esse indivíduo fugiu de medo ao ver seus homens apontando-nos metralhadoras? Deve ter pensado que se tratava de algum assalto e ficou assustado; coisa muito compreensível.

Gia-long voltou-se para a porta. Encostado nela estava o carrasco, um tipo gigantesco de feições ignóbeis.

— Trouxe o chicote? — perguntou o coronel.

O sujeito assentiu com a cabeça. Desabotoou o paletó e desenrolou o látigo de sua Cintura. Depois fê-lo estalar duas vezes no ar, mostrando um brilho selvagem nos olhos de hiena.

— Quantas chibatadas, senhor? — perguntou, satisfeito.

— Pode chicoteá-lo até que se arrependa de haver nascido — respondeu Gia-long, ferozmente.

Acompanhado de seu secretário, dirigiu-se para a poda.

Antes de sair, recomendou ao carrasco: — Amacie-o para que ele compreenda o que o aguarda amanhã, se persistir em sua estúpida negativa. Dizem que a noite é boa conselheira. Veremos!

— O senhor é muito generoso, coronel — exclamou o advogado, sem se deixar intimidar, — mas não percebo por que tem de esperar até amanhã para acabar comigo. Nada sei a respeito do que me perguntaram, portanto nada posso dizer.

— Amanhã conversaremos com mais calma. Boa noite.

Divirta-se bastante — despediu-se Gia-long fechando a poda.

Ainda estavam no corredor quando escutaram o silvo do látigo abatendo-se nas costas de Tien-tsi.

Ficaram um instante à escuta. Não ouvindo qualquer gemido, continuaram seu caminho em silêncio, desapontados.

Tien-tsi era um forte.

NÃO LONGE DALI

O general Nguyen Ton Mau desligou o aparelho de televisão. Passava da meia-noite, e o sono já pesava em suas pálpebras.

Viúvo sem filhos, o general só tinha por companhia, na velha mansão de dois andares, um criado, uma cozinheira e um corpulento pastor alemão que à noite ficava solto no jardim.

Por volta das três horas, dois homens se aproximaram silenciosamente da porta do jardim. Um deles jogou uma bola de carne perto da casinhola do cachorro.

O vento soprava em direção ao animal, porque esse logo apareceu, fuçando o chão até encontrar a carne. Engoliu-a num abrir e fechar de olhos.

Como se tivesse sido ferido, o cão começou a ganir baixinho. De repente suas patas se dobraram e ele rolou sem forças na grama.

— Pronto, este não vai incomodar mais ninguém! — murmurou um dos indivíduos.

Antes de entrar no jardim, tiraram do bolso meias de seda e as enfiaram na cabeça. Depois voltaram a pôr os chapéus. Pareciam, assim, figuras sinistras de outro mundo.

Abrir a porta da casa foi para eles tão fácil como envenenar o cachorro. Traziam consigo todos os apetrechos de peritos arrombadores.

O quarto do general Nguyen Ton Mau ficava no segundo andar. As dependências dos empregados estavam localizadas no térreo, perto da cozinha.

Um dos assaltantes acendeu a lanterna de pilha. O outro empunhou a pistola aparelhada com silenciador.

Os espessos tapetes, sobre os assoalhos e a escada, amorteceram seus passos.

No segundo andar, detiveram-se junto à porta do quarto onde dormia o general.

A lanterna iluminou, com seu cone de luz pálida, a maçaneta e o assaltante que segurava a pistola com a outra mão abriu vagarosamente a porta.

Demorou nisso dois minutos mas fez de forma tão perfeita que não se ouviu qualquer ruído.

Densa escuridão envolvia o quarto. O indivíduo que trazia a lanterna substituiu-a por uma pistola, também munida de silenciador.

Um sexto sentido avisou a Nguyen Ton Mau que algo estranho sucedia naquele momento.

Acordou estremunhado, acendeu o abajur à sua esquerda, sobre a mesinha de cabeceira, e tentou tomar conhecimento de tudo.

Seus olhos se arregalaram, então, ao avistar, dentro do quarto aqueles sujeitos, com meias de seda na cabeça, chapéus pretos, armas apontadas. Meteu instintivamente a mão debaixo do travesseiro querendo apanhar o revólver.

— Fique sossegado, general, não pretendemos machucá-lo — ameaçou um dos mascarados.

Nguyen Ton Mau compreendeu que seria inútil ensaiar qualquer resistência, e soltou o cabo da arma.

— Levante as mãos e saia da cama — ordenou um dos bandidos.

Nguyen obedeceu sem discutir. Ficou em pé, com os braços erguidos.

O indivíduo que falara por último afastou o travesseiro e pôs o revólver do militar no bolso. Depois avisou: — Tem cinco minutos para vestir-se, general.

Enquanto enfiava a roupa, Nguyen procurava adivinhar quem seriam aqueles homens. Por que o pastor não latira ao vê-los entrar? Como haviam conseguido abrir a porta sem fazer barulho?

— General, só lhe resta um minuto — advertiu um dos desconhecidos, em tom ameaçador.

Nguyen acabou de amarrar os cordões dos sapatos e se dispôs a acompanhá-los. Seu rosto estava agora calmo, sem qualquer traço de medo.

— Já estou pronto — disse. — Posso saber para onde vão me levar?

— Para uma casa tão confortável quanto esta — respondeu um dos mascarados. — Se tudo correr como esperamos, amanhã mesmo o traremos de volta, mas se assim não for... bem, o senhor pode imaginar o que lhe aguarda.

— Para um militar a morte é um encontro nobre — respondeu, com orgulho, o general. — Só queria saber por que resolveram raptar-me.

Como resposta, o sujeito que estava atrás de Nguyen encostou-lhe o cano da pistola nos rins e aconselhou: — O senhor goza de fama de homem inteligente, general. Comporte-se como tal, fechando a boca e andando na ponta dos pés ao sair. Não nos agradaria ter que atirar no criado e na velha cozinheira se acordassem por sua causa.

Nguyen calou-se, contrariado, e começou a andar conforme lhe haviam sugerido. Um dos desconhecidos agarrou seu braço, o outro continuou a empurrá-lo com a pistola.

Tão absoluto era o silêncio que, ao atravessar a sala, ouviram perfeitamente o ressonar do criado, em seu quarto.

Próximo à porta do jardim jazia o corpo inerte do cachorro. Nguyen olhou-o com tristeza. Perdera um fiel amigo.

O bandido que lhe segurava o braço explicou: — Morreu por ser guloso. Comeu carne envenenada.

Um automóvel preto já os esperava de cortinas arriadas.

— Primeiro o senhor, general! — indicou o indivíduo da pistola, abrindo a porta traseira.

Sem poder distinguir as feições do motorista, que permanecia de costas, Nguyen inclinou-se para entrar no carro.

Com rapidez e exatidão, o sujeito que apontava a pistola levantou o braço e desferiu forte golpe na nuca de Nguyen, que desabou dentro da viatura sem soltar um ai.

Empurrando-o com os pés, os mascarados tomaram assento no banco de trás, e trataram de cobri-lo.

— Vamos embora! — pediu um deles, nervoso, ao motorista.

Ao arrancar o veículo, o que golpeará o general comentou, com certo alívio: — Pensei que fosse nos dar mais trabalho. Até que foi fácil.

O outro não respondeu. Tirou do bolso uma corda fina e resistente. Amarrou os pulsos e tornozelos de Nguyen, vendou-lhe os olhos com um lenço e grudou-lhe na boca um pedaço largo de esparadrapo.

Meia hora depois do rapto do general, tilintava a campainha do telefone no quarto de Gia-long. Tanto soou que o coronel acabou acordando. Atendeu mal-humorado, fora dormir tarde àquela noite.

— Coronel Gia-long? — perguntou uma voz masculina.

— Sim, é o coronel Gia-long. Quem fala?

A voz, em vez de se identificar, respondeu desculpando-se: — Compreendo que não é hora de chamar ninguém ao telefone, mas devido à gravidade do caso fui obrigado a fazê-lo. Trata-se do general Nguyen Ton Mau.

O rosto de Gia-long ficou tio branco quanto os lençóis de sua cama. Murmurou, consternado: — Que aconteceu ao general?

— Por enquanto nada, coronel, mas até amanhã pode suceder-lhe algo muito desagradável.

Intrigado pelas enigmáticas palavras de seu interlocutor, Gia-long inquiriu: — É Fu-Man-Wei quem está falando?

— Não, coronel. Fu-Man-Wei continua dormindo placidamente, alheio ao que acaba de suceder ao seu patrão.

A cozinheira também ignora tudo.

A lividez das faces de Gia-long acentuou-se ainda mais ao ouvir essas palavras. Parou para tomar fôlego, e conseguiu articular: — Que está querendo dizer?

— Apenas isto, coronel: que seu amigo Nguyen Ton Mau foi raptado faz meia hora. Todavia, posso assegurar-lhe que nada sofreu com a mudança forçada de domicílio.

Depende do senhor exclusivamente que o general continue a desfrutar de perfeita saúde.

— Por que de mim?

— Devido à notória amizade que os liga. Acreditamos que o senhor não permitirá que Nguyen seja sacrificado friamente. A sua carreira político-militar deve muito à ajuda do general. Agora chegou a oportunidade de pagar os favores recebidos.

Gotas de suor desciam pela frente de Gia-long. Tudo quanto acabava de ouvir era verdade. Ele devia muita coisa ao general, inclusive sua nomeação para a chefia do Serviço Secreto. Só não percebia o motivo que determinara o sequestro do seu protetor.

— Que deseja de mim? — perguntou ao desconhecido.

— Propor-lhe uma troca — respondeu a voz, laconicamente.

Estabeleceu-se breve pausa. As tēmporas de Gia-long zuniam e o coração pulsava como um tambor. Notou, também, que o fone tremia em suas mãos.

— Seja claro! — exigiu, nervoso. — A que troca se refere?

— A do general pelo homem que o senhor prendeu hoje, na estrada de Mytho.

A surpreendente oferta deixou Gia-long sem fala.

Passaram-se assim alguns segundos, talvez minutos.

— Que resolve, coronel? — perguntou seu interlocutor.

— A proposta não pode ser mais honesta. Prisioneiro por prisioneiro. O senhor nos entrega o advogado e nós lhe devolveremos o general. Pense com calma na permuta que lhe oferecemos. Logo mais ligaremos novamente para o senhor, a fim de conhecer sua resposta. Já sabe: vida por vida.

Gia-long ainda permaneceu algum tempo com o fone na mão e o olhar perdido no vazio. A cabeça lhe rodava vertiginosamente.

Tentou colocar em ordem os pensamentos. Não o conseguiu. Eram tantos e tão confusos que se tornava impossível estabelecer uma conexão entre eles.

Olhou o relógio: quatro horas da madrugada! Desistindo de tornar a deitar-se, resolveu vestir-se e aguardar pacientemente o amanhecer.

Às sete em ponto discou o número da casa de seu secretário.

Pediu-lhe que providenciasse, junto à

Companhia Telefônica, o controle de todos os chamados para seu aparelho naquele dia.

Apanhou um livro e acomodou-se no sofá. Pretendia ler enquanto aguardava o telefonema anunciado. Mas, as letras se embaralhavam aos seus olhos. Chegava ao fim da página e já não se lembrava do começo.

Finalmente soou o telefone. Correu para atender.

— Bom dia, coronel! — cumprimentou a mesma voz desconhecida. — Que tal passou a noite? O general dormiu de um sono só. Acaba de levantar-se agora. Pede-nos para lhe comunicar que está passando perfeitamente bem e que pretende vê-lo em breve.

— Eu poderia falar com ele pessoalmente? — pediu Gia-long.

— Pois não, coronel. Tenha a bondade de aguardar um momento.

Passados alguns segundos uma outra voz fez-se ouvir através do fio.

— Coronel Gia-long, aqui fala o general Nguyen Ton Mau. Gostaria de lanchar comigo, esta tarde?

— Sem dúvida, general. A que horas?

— Meus amigos lhe dirão. Combine com eles, coronel. Até logo.

Sim, aquela voz era indubitavelmente do general. Grave, austera, autoritária. Gia-long a conhecia há muitos anos, estava familiarizado com ela.

— Convenceu-se, coronel?

A pergunta do desconhecido arrancou-o de suas meditações. Enxugou o suor com um lenço de linho e respondeu: — Sim. Diga como devemos efetuar a permuta.

— De maneira muito simples, coronel. Deixe o advogado defronte à entrada da loja Wu-Wang, na rua MacMahon. O senhor aguardará minha chamada no bar que fica à direita dessa loja.

— E quem me garante que o general será solto depois que eu libertar o advogado?

— Terá que confiar em nossa palavra, coronel. Logo que Tien-tsi se encontrar em segurança, telefonarei para o senhor, no bar, dizendo-lhe onde se encontra o general.

Aceita ou não?

— Aceito. Deixaremos o advogado defronte à loja Wu-Wang.

— Obrigado, coronel; vejo que é um homem muito inteligente.

Gia-long escutou o estalido que o outro aparelho fez ao ser desligado. Discou então para Tu-duc, no Serviço Secreto, e perguntou, ansioso: — Conseguiram localizar de onde me chamaram?

— Sim, senhor. Foi de um telefone público situado no subúrbio de Cholon. Enviei para lá um de nossos agentes.

— Ótimo — aprovou Gia-long. — Espere-me aí, chegarei imediatamente.

CAPÍTULO SEXTO

Sol e simpatia.

Quando a pausa do calor traz novas ideias esclarecedoras.

A masmorra se abre e um general segue seu destino.

Nova descoberta surpreendente.

Naquela tarde fazia um calor sufocante em Saigon, mas Brigitte não parecia muito preocupada com o rigor do mormaço. Deitada sobre uma esteira de palha, no terraço de seu novo apartamento, ocupava-se em dourar a epiderme.

Entre ela e o sol existia absoluta intimidade, um par de éculos escuros era toda a sua roupa.

Brigitte mudara-se para um apartamento de cobertura, no bairro de Nepong. Não pelo simples prazer de tomar banho de sol, mas porque no terraço havia uma estratégica escada de incêndio que, dando para os fundos do prédio, possibilitava a fuga em caso de necessidade.

Sabia que os homens do coronel continuavam a procurá-

la. Um deles aparecera no edifício, fazendo perguntas ao porteiro. Mas este, comprado pelo dinheiro da moça, conseguira despistá-lo.

Gia-long não lhe perdoaria com facilidade haver-se antecipado a ele em revistar o apartamento de Tien-tsi. A essa altura dos acontecimentos o coronel devia estar firmemente convicto de que ela trabalhava como espiã para alguma potência estrangeira.

Este incidente prejudicara a missão de Brigitte. Fora incumbida, pelo Serviço Secreto Americano, de apurar a identidade dos altos funcionários sul-vietnamitas que, valendo-se de seu cargo, forneciam informações aos vietcongs ou prestavam ajuda aos adeptos do extinto regime dos irmãos Diem.

Brigitte suspeitara, inicialmente, do advogado. Por essa razão lhe concedera sua intimidade. Mas ele mostrou ser muito prudente, nada dizendo que o pudesse comprometer.

A busca no apartamento de Tien-tsi também resultara infrutífera e só servira para colocar Gia-long e seus cães de fila nos calcanhares dela.

Desanimada, Brigitte resmungou e virou-se de bruços, de modo a ficar bronzeada por igual. Mas Continuou arquitetando seus novos planos.

ENQUANTO ISSO

No velho edifício sede do Serviço Secreto, o coronel Gia-long e seu secretário desciam ao calabouço onde estava Tien-tsi.

Ao defrontar-se com o advogado, Gia-long disse-lhe, de mau humor: — Você ganhou esta parada. Dentro de meia hora será posto em liberdade. Ordenarei que lhe devolvam suas roupas e objetos pessoais. Se desejar um médico para tratar desses pequenos arranhões — e indicou o rosto e o tórax de Tien-tsi — é só pedir.

— Obrigado, não se incomode. Quero apenas lavar o rosto.

Continuava deitado na miserável enxerga. Apesar de tudo ainda tinha ânimo para sorrir.

No chão, junto ao estrado, a bandeja com água e comida.

Gia-long verificou que o advogado não havia mexido nela.

— Pensou que pretendíamos envenená-lo? —bradou.

— Nada disso, coronel. Estou fazendo regime para emagrecer. Preciso conservar a linha.

O admirável sangue-frio daquele homem, seu tom de pouco caso começaram a mexer com os nervos de Gia-long.

Conteve-se para não apagar com um soco o irônico sorriso que entreabria aqueles lábios tumefactos.

— Segundo parece, o senhor tinha certeza de sair-se bem desta.

— Nada é certo nesta vida — respondeu o advogado filosoficamente. Apenas confiava em que a minha inocência acabaria ficando evidenciada a seus olhos, coronel.

Interrompeu o que estava dizendo, para indagar: — O senhor já providenciou a liberação daquela moça que foi presa comigo?

— Preocupe-se exclusivamente com a sua pessoa. Deixe o resto por minha conta — aconselhou Gia-long.

— Em absoluto, coronel, Só sairei daqui se me der sua palavra de honra que soltará, ainda hoje, essa pobre jovem.

Ela é tão inocente quanto eu.

— Primeiro, quero que me dê sua palavra de que, ao sair, esquecerá tudo o que sucedeu aqui dentro.

O advogado olhou significativamente para as inumeráveis manchas escuras que lhe cobriam o peito e as costas. Gia-long observou, com uma risada escarvinha: — Que eu saiba o senhor não se dedica ao boxe nem à luta livre, para estar obrigado a mostrar o torso em público.

Quanto ao rosto, ninguém vai perguntar nada. Pensarão que brigou por causa de alguma mulher. O senhor tem fama de gostar de saias.

— De acordo, coronel. Ao sair daqui sofrerei um ataque de amnésia. Fez a mesma advertência à moça?

— Claro. Ela está furiosa com o senhor por havê-la metido nesta confusão. Resolveu prescindir de seus serviços e aceitar o advogado que nós lhe oferecemos.

— Sinto-o, era um caso que poderia proporcionar-me bom dinheiro.

— Já conversamos suficientemente — atalhou o coronel.

— Não fique confiante, pretendo apanhá-lo no seu próximo passo em falso.

Uns quarenta minutos depois o carro do chefe do Serviço Secreto parou defronte à loja Wu-Wang, na rua MacMahon.

Tien-tsi saltou dele. Subiu à calçada e fez sinal a um táxi que passava.

Entrou no veículo e ordenou ao motorista: — Leve-me ao parque Chang.

Durante dez ou quinze minutos o advogado espiou pela janelinha traseira, procurando ver se algum outro carro os seguia.

Ao constatar que tudo estava em ordem, relaxou os músculos e recostou-se no banco.

O motorista parou o táxi à entrada do parque. Tien-tsi pagou a corrida e enfiou-se por uma das alamedas.

Com rápidas passadas, foi sair do outro lado do parque.

Apanhou novamente um carro de praça e, desta vez, deu o endereço de um café, na rua Tabert. Antes de tomar assento, pediu uma ficha telefônica.

Depois de concluir a ligação, subiu ao segundo andar do estabelecimento. Escolheu uma mesa de frente para a escada, e dispôs-se a esperar.

Entretanto, um garçom vinha avisar o coronel Gia-long, no bar ao lado da loja Wu-Wang, de que estava sendo chamado ao telefone.

Gia-long atendeu, impaciente.

— Coronel — disse a voz desconhecida —, a mercadoria que nos foi entregue estava um pouco avariada, mas serve. A que nós vamos devolver-lhe, no início da estrada de Laguna, não sofreu nada. Até a próxima.

Foi o próprio coronel quem sentou ao volante do automóvel que haviam deixado estacionado perto do bar.

Calçou o acelerador e partiu numa nuvem de poeira.

A estrada de Laguna ficava a uns quarenta quilômetros dali.

Encontraram o general Nguyen Ton Mau encostado numa árvore, no lugar combinado. Seu rosto revelava profundo abatimento.

Apertou a mão dos dois homens e entrou no carro sem dizer palavra.

Gia-long pediu a seu secretário: — Tu-duc, dirija você. Leve-nos à casa do general.

Durante alguns minutos permaneceram em silêncio.

Afinal Gia-long, não conseguindo mais conter a curiosidade, perguntou: — General, o senhor não tem nada a nos dizer?

— Nada de bom, coronel — respondeu Nguyen, fatigado.

Contou-lhes como se processara o rapto. Acrescentou, com raiva: — Encerraram-me num sótão, cuidadosamente amarrado e amordaçado. Só me soltavam para comer. Não poderia identificá-los, apareciam sempre com o rosto coberto por aquelas malditas meias de seda.

— Então quando o senhor falou comigo, esta manhã...

— Ensinaaram-me o que devia dizer. Se não o fizesse, teriam enfiado em minha garganta um punhal. Essa gente não costuma brincar em serviço.

Ansioso por encontrar uma pista, Gia-long insistiu: — Quando o arrancaram de sua casa, não consegui perceber nenhum detalhe que possa ajudar-nos a localizar o esconderijo dessa quadrilha?

— Não, eles são muito espertos. Fiz a viagem de ida e volta com os olhos vendados, e deitado no chão do carro.

Os bandidos evitaram falar qualquer coisa que me orientasse acerca de onde estávamos.

Interrompeu-se para pedir um cigarro, a abstinência forçada o enervara. Prosseguiu: — Quando eles me trouxeram para cá, pensei que poderia tomar nota do número do automóvel. Enganava-me.

Ao descer, recebi uma coronhada na cabeça que me deixou inconsciente. Acordei desamarrado e sem a venda nos olhos, porém os meus sequestradores já haviam desaparecido.

— Não consegui saber o motivo do rapto, general? — interrogou Gia-long.

— Não me disseram, mas só pode ter sido para obrigar o senhor a soltar o advogado Tien-tsi. Creio que foi essa única razão de tudo o que aconteceu comigo.

Após estas palavras, Nguyen olhou para seu interlocutor, com aspecto preocupado. Indagou: — Espero, coronel, que não venha a causar-lhe nenhum aborrecimento o que fez por mim.

— Não, de forma alguma — tranquilizou-o Gia-long. — Só sabemos disso nós dois e meu secretário Tu-duc, que é a descrição em pessoa.

— Todavia, o senhor, como chefe do Serviço Secreto, pode ficar numa situação difícil se for constatado que esse indivíduo é mesmo um espião.

— Não conseguimos reunir provas suficientes para chegar a essa conclusão. Tien-tsi tinha um álibi muito bom, que anularia qualquer tentativa nossa de processá-lo por espionagem.

— Quer dizer, coronel, que está satisfeito com o desenlace deste caso? — inquiriu Nguyen.

— Para ser sincero, sim — respondeu Gia-long, com uma expressão astuta. — Vou dar corda ao advogado até que acabe enforcando-se com ela.

Contou, a seguir, como prendera Tien-tsi. E ao referir-se à manobra que o motorista do jipe fizera para fugir aos seus agentes, comentou: — Deve ter sido ele quem avisou aos outros da prisão de Tien-tsi e da moça que o acompanhava.

O general quis saber se o motorista do jipe era um tipo ocidental ou oriental.

— Ele foi tão rápido que não deu tempo para que lhe víssemos o rosto — lamentou-se Gia-long. — Interrogamos “habilmente” o advogado, mas este se obstinou em não abrir a beca. Quanto à moça, comprovamos que ela realmente está inocente. Tien-tsi serviu-se dela para estabelecer um álibi.

O carro deteve-se defronte à residência de Nguyen. Tu-duc saltou para abrir-lhe a porta. O general agradeceu, e despediu-se de Gia-long: — Mais uma vez lamento o transtorno que lhe causei, coronel. Muito obrigado por tudo.

— Foi um prazer para mim poder pagar um pouco do muito que lhe devo, general. Logo mais virei visitá-lo, para saber como está passando.

Quando Nguyen se afastou, o coronel ordenou a Tu-duc: — Deixe-me em casa. Preciso descansar um pouco, ontem não dormi nada. Depois leve o carro para o Serviço Secreto e espere-me lá. Se acontecer qualquer coisa, não esqueça de ligar para mim.

Ao chegar ao edifício do Serviço Secreto, Tu-duc foi avisado pelo ordenança de que sua irmã telefonara duas vezes para ele. Não quisera deixar recado.

Trancando-se em seu gabinete, Tu-duc discou para a irmã. Informaram-lhe que ela havia saído e se dirigia, justamente, ao encontro dele.

O jovem ficou apreensivo. Por que motivo Ama Wang precisava falar-lhe com tanta urgência? Tirou alguns documentos da gaveta e começou a examiná-los.

Fazia uns cinco minutos já que se dedicava a essa tarefa, quando se lembrou de que tinha de entregar a Ming-Mang, segundo secretário, um dossiê que este lhe solicitara para conferir alguns dados.

Apanhou o dossiê e dirigiu-se ao gabinete de Ming-Mang, que ficava em frente ao seu. O ordenança, de costas para Tu-duc, não o viu passar.

Não encontrou ninguém lá dentro. Deixou o dossiê na mesa de Ming-Mang e volveu-se para sair.

De repente, imobilizou o corpo e apurou o ouvido.

Acabara de escutar um ruído bastante familiar.

Conhecia perfeitamente o som de um aparelho transmissor-receptor.

No exército, Tu-duc fora radiotelegrafista.

Rígido como uma estátua, esperou alguns minutos para convencer-se de que não estava sofrendo uma alucinação passageira.

Não. Alguém manobrava, efetivamente, um transmissor.

Mas onde?

Aprestou o ouvido com mais atenção. Por fim, conseguiu localizar a procedência do ruído. Vinha do fundo do gabinete.

Avançou na ponta dos pés, os nervos esticados como arames. Algo lhe dizia que estava a ponto de fazer uma descoberta importantíssima.

Ao se aproximar de um grande armário de madeira, encostado na parede, o barulho se tornou mais perceptível.

Instintivamente, encostou a orelha à porta do móvel. Um estremecimento sacudiu-lhe o corpo, ao distinguir com mais nitidez o som da emissora clandestina.

Refreando a emoção, Tu-duc começou a abrir o armário, pouco a pouco, tomando cuidado para que não rangesse.

Percebendo que no interior dele só havia um casaco e um guarda-chuva, uma careta de assombro contraiu suas feições. Incrível! Devia estar sonhando.

Ja fechar a porta, quando algo lhe chamou, novamente, a atenção. Não era uma estreita réstia de luz aquilo que brilhava no fundo do móvel?

Intrigado, Tu-duc entrou dentro dele.

Fez uma descoberta surpreendente: camuflada na parede do armário, havia uma porta secreta!...

CAPÍTULO SÉTIMO

O que parecia inexplicável começa a se mostrar com violenta clareza.

Um navio está a caminho.

Três tiros finais e uma importante mensagem sussurrada.

Quando o papel não é revelado.

Tu-duc ficou abismado ao compreender a importância da descoberta que acabava de fazer. Por que lhe haviam ocultado a existência dessa porta? O coronel Gia-long a conheceria?

A porta estava apenas encostada, Tu-duc empurrou-a vagarosamente.

Dava para um quatinho acanhado, onde todo o mobiliário era constituído por uma mesa e uma cadeira.

Sentado à mesa, Ming-Mang manipulava o aparelho de transmissão. De costas para a entrada, não percebeu da presença de Tu-duc.

Sua voz monótona, desprovida de inflexões, pedia: — Por favor, camarada, queira confirmar a posição do navio.

Enquanto escrevia numa folha de papel, repetia para o seu interlocutor.

— 250 14' 38'

Ming-Mang prosseguiu, em tom demagógico: — Daqui a meia hora chamarei para informar a decisão do chefe Tien a respeito do desembarque. Continuem na mesma posição. Triunfaremos, camarada! Nosso antigo desejo de unir o Sul ao Norte, sob a bandeira vermelha, será uma realidade. Tudo está preparado para a revolução.

Quando os fantoches que nos governam virem o povo levantar-se em armas, já não poderão fazer mais nada.

Fuzilaremos a todos! A erva daninha deve ser arrancada pela raiz para que não volte a crescer. Abaixo o capitalismo, viva o socialismo!

Terminada a emissão, Ming-Mang tirou os fones do ouvido e pôs no bolso a folha em que anotara a localização do navio.

Tu-duc, que até então permanecera petrificado pelo espanto, voltou a si. Seus olhos relampejavam de ódio.

— Canalha! — gritou, sem poder conter-se. — Você é um traidor repugnante!

Ming-Mang levantou-se da cadeira, com tal rapidez que parecia haver sido tocado por um ferro em brasa.

Era um sujeito corpulento, de ombros possantes e pescoço taurino.

Uma expressão selvagem dominou seu rosto ao descobrir a presença de Tu-duc. Deu um passo em direção ao jovem, uma luz maligna fulgindo nos olhos oblíquos.

— Acho que você está enganado, Tu-duc — argumentou, ensaiando um sorriso. — A mensagem que acaba de ouvir é uma cilada para apanhar alguns traidores.

O jovem, cego de raiva, não aceitou as explicações de Ming-Mang. Pediu, impulsivamente: — Se assim é, entregue-me o papel onde copiou a posição do barco.

— Posso saber que uso pretende fazer dele?

— Verificar se você diz a verdade, Ming-Mang.

Avisarei as autoridades navais para que detenham qualquer embarcação encontrada no local. Um submarino fará isso rapidamente.

— Não é má ideia, mas que diria o coronel Gia-long se agíssemos à sua revelia?

— Assumo a responsabilidade. Dê-me o papel.

Ming-Mang fingiu aceitar a proposta do jovem: — Não devia fazê-lo. Em todo caso, a responsabilidade é sua.

Tirou a folha do bolso e ofereceu-a a Tu-duc. Este estendeu a mão para apanhá-la, descuidando-se de vigiar os gestos de seu companheiro de serviço. Foi-lhe fatal.

Quando os dedos de Tu-duc se fecharam sobre a folha, o punho esquerdo de Ming-Mang abateu-se, pesadamente, sobre sua boca.

Ouviu-se, com nitidez, o barulho de dentes partindo-se.

Tu-duc ainda não tivera tempo de se refazer do primeiro soco, e já outro lhe fraturava o nariz, transformando-o numa posta sanguinolenta.

Violenta joelhada no baixo-ventre foi o golpe de graça.

Desacordado, Tu-duc tombou de bruços no duro chão de cimento. Uma poça de sangue formou-se ao lado de seu rosto esfrangalhado.

Ming-Mang deu uma gargalhada sádica. Tirou do coldre, sob a axila, uma pistola. Colocou nela um silenciador, e apontou o cano para as costas de Tu-duc.

Apertou o gatilho duas vezes. As convulsões do rapaz, ao ser alvejado, arrancaram-lhe o seguinte comentário: — Bem feito; para aprender a não ser abelhudo.

Retirou o silenciador, com calma. Depois voltou a sentar-se diante do transmissor. Resolvera alertar a tripulação do navio.

O excesso de confiança induziu-a a cometer um grave erro. Deixou de verificar se Tu-duc estava realmente morto.

O ruído do aparelho fez o jovem recuperar os sentidos.

Seus olhos, dilatados pela agonia, fitaram com ódio as amplas espáduas de Ming-Mang.

Fazendo um esforço sobre-humano, conseguiu apoiar-se num braço. Com o outro puxou a pistola. Mordia os lábios para não deixar escapar gemidos.

Três vezes rugiu a arma de Tu-duc, e o mesmo número de vezes Ming-Mang foi sacudido pelo impacto dos balaços, que lhe perfuravam o corpo hercúleo. O último entrou na nuca e saiu pela testa, fulminando-o instantaneamente.

As curtas e musculosas pernas de Ming-Mang dobraram-se e seu corpanzil tombou para um dos lados, arrastando a cadeira na queda.

Satisfeito com sua vingança, Tu-duc soltou a pistola e repousou a cabeça no cimento. Um estertor agônico escapava-lhe dos lábios.

De repente, pela porta que ficara aberta, entraram uma mulher e dois homens.

A mulher soltou um grito rouco, angustiada, ao reconhecer seu irmão, Tu-duc.

Ajoelhou-se junto dele e, com todo o cuidado, colocou-lhe a cabeça no colo.

— Que aconteceu Tu-duc? — perguntou Ama Wang, consternada. — Quem fez isso com você?

— O segundo secretário, Ming-Mang, era um traidor — articulou, penosamente, o jovem. — Surpreendi-o falando com o inimigo através de uma emissora clandestina... eles...

Um fluxo de sangue encheu-lhe a boca, cortando as palavras.

Os dois ordenanças, entretanto, ocupavam-se em examinar o transmissor. Davam as costas para a moça.

Ama Wang inclinou-se ainda mais, para tentar ouvir o que Tu-duc dizia, num fio de voz: — Eles...

eles preparam um movimento...

revolucionário... Tien-tsi... e um dos chefes.. ouvi pronunciar seu nome... A posição do navio... está... na minha mão...

A moça, intrigada por estas últimas palavras, examinou as mãos dele. A direita estava aberta, perto da pistola. A esquerda segurava, crispada, uma folha de papel.

Com o rabo do olho Ama Wang certificou-se de que os ordenanças continuavam entretidos a mexer no aparelho.

Abriu a mão de Tu-duc e guardou a folha rapidamente no seio.

Naquele momento exato, o rapaz expirou. Sua alma valorosa havia chegado ao limite extremo da resistência.

Ama Wang lançou um berro dilacerante ao perceber que o irmão acabava de falecer.

Abraçou-se ao cadáver, desesperada.

Chorava convulsivamente. Os ordenanças tentaram, em vão, arrancá-la dali.

— Posso saber o que sucede? — perguntou, de súbito, uma voz forte e despótica.

Era o coronel Gia-long, acompanhado de três agentes.

Os ordenanças tremeram ao ver a dureza com que Gia-long os fitava. Não tinham coragem de responder. Afinal, um deles balbuciou, com dificuldade.

— Ignoramos o motivo da morte desses dois homens, coronel. Estávamos conversando, no corredor, com a Srta.

Ama Wang quando ouvimos três tiros. Corremos ao gabinete do segundo secretário e, para surpresa nossa, vimos que dentro do armário havia uma porta aberta.

Entramos aqui, mas já era demasiado tarde.

Gia-long explodiu: — Então para que diabo vocês ficam no corredor? Que tipo de vigilância exercem? — gritou, num de seus famosos acessos de cólera.

Os pobres-diabos baixaram a cabeça, apavorados.

O coronel ordenou a seus agentes: — Prendam estes homens e interroguem-nos até que apresentem uma versão mais satisfatória.

O rosto dos ordenanças fez-se cor de cera. Um deles suplicou: Não faça isso, coronel. Somos inocentes, juro pela felicidade de meus filhos.

— Lá embaixo você poderá falar à vontade — interrompeu um dos agentes, arrastando-o pelo braço. — Não desperdice saliva agora.

Ao ficar sozinho com a moça, Gia-long procurou confortá-la: — Sinto muitíssimo, seu irmão era um bravo. Disse-lhe ele, por acaso, alguma coisa antes de morrer? Espere, é melhor irmos para o meu gabinete. As paredes têm ouvidos.

Ama Wang acompanhou o coronel, como um autômato.

A porta de madeira fechou-se atrás deles.

CAPÍTULO OITAVO

Retorno ao lugar proibido, com estratagemas de mulher.

Pessoa errada no momento decisivo.

Não é preciso esperar o desesperado.

Quando uma arma sai da manga em passe quase de magia.

Outra vez o papel e o navio.

Investida.

Brigitte acordou cedo, naquela manhã, porque pretendia voltar ao apartamento de Tien-tsi e continuar a busca que fora obrigada a interromper devido à inesperada aparição do coronel Gia-long e seus agentes.

Não sabia ainda que o advogado tinha sido trocado pelo general Nguyen Ton Mau; pensava que estivesse apodrecendo nas masmorras do Serviço Secreto. Só recebera a primeira notícia da sua prisão.

Fechou a torneira do chuveiro e, dispensando a toalha, foi enxugar-se ao sol, no terraço.

Fazia um dia maravilhoso. Brigitte debruçou-se no parapeito, querendo espiar o movimento lá em baixo. Tudo calmo.

Depois de enxuta, correu em direção ao quarto de vestir.

Remexeu no guarda-roupa, procurando entre dezenas de vestidos um que fosse compatível com seu estado de espírito. Acabou escolhendo um modelo simples, de alças, bem próprio ao clima de Saigon.

Arrumou-se depressa e, chegando à rua, embarcou no primeiro táxi que surgiu.

Brigitte acomodou-se no carro de maneira perigosa para a serenidade do motorista. Era mesmo linda!

Afinal desceu na confeitaria que ficava em frente ao edifício de Tien-tsi.

O porteiro lá estava, sentado numa cadeira.

Naturalmente, recebera ordem do coronel para vigiar as pessoas suspeitas que entrassem no prédio.

Apanhando um catálogo, junto ao telefone público instalado na confeitaria, Brigitte procurou o número da portaria.

Ligou, fingindo ser a secretária do coronel: — Bom dia, quem fala aqui é a secretária do coronel Gia-long. Ele pediu-me para avisar ao senhor que precisa falar-lhe com urgência... Sim, agora mesmo... O coronel espera-o em seu gabinete. O endereço o senhor conhece...

Vá logo.

Passados cinco minutos, Brigitte viu o porteiro sair às carreiras.

Até chegar no Serviço Secreto ele demoraria pelo menos meia hora: o tempo necessário para ela acabar de vasculhar o apartamento e esfumar-se antes que Gia-long aparecesse.

Rindo ao pensar na tremenda descompostura que o coronel passaria no pobre porteiro, Brigitte subiu ao quarto andar.

Desta vez só precisou experimentar uma chave para fazer girar a lingueta.

Tomou nota da hora e pôs-se a procurar nos lugares ainda não vistos.

Mal começara, quando a campainha soou estridente.

Brigitte ficou quieta, em silêncio, aguardando que o importuno desistisse, pensando não haver ninguém em casa.

A campainha tornou a tocar e a voz de Ama Wang avisou: — Não adianta fazer-se de morta, Srta. Montfort. Vi perfeitamente quando entrou aqui. Abra a porta.

Suspirando aliviada, Brigitte guardou na bolsa seu pequeno revólver de cabo de madrepérola. Se era Ama Wang, não precisaria daquilo.

Olhou, previamente, pela vigia da porta, querendo verificar se a moça estava sozinha. Depois deixou-a entrar.

Ama Wang jogava naquele momento uma cartada muito audaciosa. Omitira em seu relato ao coronel, sobre o acontecido entre seu irmão e Ming-Mang, o fato de Tu-duc haver-lhe confiado um papel com a posição do navio que trazia o carregamento de armas.

O desejo de vingar a morte do irmão e a ambição de frustrar o plano dos espões, valendo-se apenas de seus próprios recursos, haviam-na induzido a proceder daquela maneira.

Ela sabia que corria sério perigo. Se fracassasse, o coronel Gia-long Lhe faria pagar caro o atrevimento.

Apesar de tudo, a jovem mantinha um admirável controle dos nervos. Vendo-a, ninguém adivinharia o vulcão que fervia sob aquela aparência calma.

Olhando em volta de si, Ama Wang pediu: — Srta. Montfort, preciso falar com o Dr. Tien-tsi, agora mesmo.

Brigitte respondeu, com um sorriso amigável: — Ele não está aqui. Srta. Ama Wang.

— Poderia então me informar onde se encontra? — insistiu a moça. — é de grande importância o que lhe peço!

— Infelizmente, não posso ajudá-la desculpou-se Brigitte, ansiosa por desembaraçar-se dela.

— Há dois dias que não vejo o Dr. Tien-tsi.

Ama Wang parecia não acreditar muito no que Brigitte dizia. Justificou-se, alegando: — Srta. Brigitte, o meu chefe no Departamento de Estado encarregou-me de trazer imediatamente o Dr. Tien-tsi à sua presença. Não posso voltar sem ele.

— Quer saber de uma coisa? — zangou-se Brigitte. — Se duvida de minha palavra e acha que o advogado está escondido aqui dentro, pode procurar à vontade. Não se acanhe.

Ama Wang não esperou que lhe repetissem o Convite.

Num instante, revistou as demais dependências do apartamento.

Ao terminar sua inspeção, a jovem voltou à sala, onde Brigitte a esperava, sentada, fumando negligentemente um Benson & Hedges.

— Convenceu-se, minha querida? — perguntou Brigitte, fazendo ironia.

— De que ele não se encontra aqui, sim; mas de que você ignore onde ele está, não.

O tom rude empregado por Ama Wang alertou Brigitte.

— Não entendo o que quer dizer, Srta. Wang — falou, pondo-se em guarda.

— É muito simples de compreender. Você e Tien-tsi são espões a serviço dos vietcongs. Não pense que me pode enganar. Sei de tudo!

O rosto de Brigitte permaneceu impassível ao ouvir a acusação da moça. Levantou-se e, apontando para a porta, ordenou: — Saia daqui! Já cansei de aturar seus desaforos.

Ama Wang, depois de titubear um pouco, fez menção de se retirar.

Ao chegar perto da porta, girou sobre os calcanhares com incrível rapidez e enquadrou Brigitte na mira de uma pequena pistola. A firmeza de seu olhar revelava que, se fosse preciso, ela não hesitaria em atirar.

— Espero que isto lhe avive a memória — murmurou, com um sorriso de triunfo. — Revele-me onde está o advogado e prometo ajudá-la a fugir de Saigon. Só quero a cabeça dele. Escolha: você ou ele.

Apanhada de surpresa pela fulminante reação da vietnamita, Brigitte não pudera fazer nada.

Mantinha-se calma. Olhou o relógio. Fazia quinze minutos que entrara no apartamento, ainda dispunha de outros quinze, ou vinte, antes de Gia-long aparecer com seus homens.

— Quer ensinar-me esse truque? — perguntou, acenando para a pistola.

— Estava escondida na manga do vestido — explicou Ama Wang, orgulhosa de seu feito. — Ao sair do quarto de Tien-tsi desabotoei o punho. Bastou sacudir a manga, quando precisei, e a pistola escorregou na minha mão.

— Devia tê-lo imaginado.

— Basta de conversa. Aceita, ou não, a minha oferta?

Aviso lhe que se recusar, não terei dúvida em entregá-la ao coronel Gia-long. Ele está ansioso por revê-la. Decida-se logo!

Sem se deixar intimidar pelas ameaças da vietnamita, Brigitte procurou informar-se das provas que existiam contra Tien-tsi. Sua presença ali devia se justamente à mesma curiosidade.

— De acordo — disse, em tom conciliador — mas com uma condição. Gostaria que me explicasse por que odeia tanto a Tien-tsi e em que se baseia para afirmar que ele e eu trabalhamos para os vietcongs.

— Pois não, Srta. Brigitte. Odeio esse indivíduo porque ele é o responsável pelo assassinio de meu irmão. Tu-duc surpreendeu um funcionário do Serviço Secreto comunicando-se, através de uma emissora clandestina, com um navio dos vietcongs que conduz armas. Tentou apossar-se do papel onde o traidor anotara a posição do barco e foi morto covardemente.

— Meus pêsames. Mas que tem Tien-tsi a ver com isso?

— Meu irmão ouviu o espião pronunciar o nome de Tien-tsi, chamando-o de seu chefe — interrompeu-se, enervada. — Chega de perder tempo com explicações desnecessárias. Diga-me o paradeiro desse canalha. Você o sabe, é sua amante!

Brigitte permanecia impassível.

Seu cérebro, trabalhando febrilmente, engendrara uma conclusão que lhe parecia satisfatória; Ama Wang viera sozinha. Logo Gia-long desconhecia a existência do papel com a posição do navio. Senão ele teria vindo em pessoa.

Felizmente, para Brigitte, a jovem resolvera antepor seu ódio pessoal ao interesse da pátria. Somente a uma novata em espionagem ocorreria ideia tão descabelada.

Agora Brigitte já sabia de tudo que precisava, podia desembaraçar-se da vietnamita. Sua reação foi tão súbita quanto rápida. Desta vez, quem ficou surpresa foi Ama Wang.

Com uma violenta cutilada no pulso, Brigitte obrigou-a a soltar a pistola.

O vigor da pancada paralisou, momentaneamente, o braço de Ama Wang.

Indefesa, a moça não pôde evitar outra cutilada, na garganta.

Antes de desmaiar, teve a sensação de estar sufocando.

Brigitte inclinou-se para apanhar a arma. Fora um bonito serviço. Fizera a balança pender a seu favor em cima da hora. Dentro de cinco minutos o coronel Gia-long e seus homens chegariam ao edifício.

Abriu a bolsa de Ama Wang e virou-a sobre a mesa.

Entre níqueis, batons, lenço, espelho achou o que procurava: uma folha de papel, amarrotada.

Alisou-a, impaciente para ler. Ao ver anotados três números, 25' 14' 38", assobiou baixinho. Os vietcongs iam ter uma bela recepção, ela cuidaria disso...

Atenta ao papel, não notou que Tien-tsi acabara de entrar no apartamento, fazendo uso de sua chave, e se aproximava dela pelas costas.

Um soco, na nuca, derrubou-a. Caiu perto de Ama Wang.

O advogado, abaixando-se, apanhou a folha, da mão de Brigitte.

Inteirou-se do conteúdo e guardou-a no bolso. Depois foi à cozinha, buscar cordas.

Em poucos segundos amarrou as duas mulheres. Com um par de lenços, apanhados na sua cômoda, amordaçou-as.

Tien-tsi saiu tão às pressas que esqueceu de fechar a porta com chave. Deixou-a apenas encostada, talvez pretendendo voltar logo.

CAPÍTULO NONO

Um porteiro ingênuo diante de um Coronel sem entranhas.

Por que dois homens de raça eslava entram na história.

Amarras e mordanças.

Revela-se, afinal, o mistério do bilhete escamoteado.

Bofetada a título de persuasão.

A inimiga compreende.

O porteiro, ao chegar ao edifício do Serviço Secreto, demorou uns dez minutos até ser atendido por Gia-long.

Este, sem levantar os olhos do que estava lendo, perguntou com rispidez: — Que deseja? Fale depressa, tenho muito que fazer.

O porteiro ficou atônito com aquela inesperada recepção. Timidamente, aventurou: — Mas... o senhor não mandou me chamar?

— Que brincadeira é essa? Quem lhe meteu na cabeça que eu mandei chamá-lo?

— Eu pensei...

— Desembuche de uma vez! Por que diabo veio aqui me encher a paciência?

Tremendo como vara verde, o infeliz explicou: — Sua secretária telefonou para mim, dizendo que o senhor queria me ver imediatamente. Então eu vim...

— Nunca ouvi tamanho disparate! — gritou Gia-long, exaltado. — Nem tenho secretária, nem mandei ninguém lhe telefonar.

Apavorado, o porteiro insistiu.

— Juro, coronel. Uma mulher me telefonou para avisar que o senhor precisava falar comigo urgentemente, Ela disse que era sua secretária.

Gia-long sé aí compreendeu que o porteiro devia ter sido enganado por alguém que desejava fazê-lo abandonar o edifício, para entrar sem ser visto.

Mais calmo, perguntou: — Há quanto tempo o senhor deixou o prédio?

— Faz, mais ou menos, uns quarenta minutos — respondeu o homem, tranquilizado pela súbita serenidade do coronel.

Apanhando o telefone interno, Gia-long pediu: — Por favor, preparem o meu carro. Não preciso de motorista, eu mesmo guiarei.

Os dois saíram do gabinete. Ao passar pelo ordenança, no corredor, o coronel bradou: — Leve este sujeito lá para baixo. Providencie um quarto “confortável”. As despesas correm por minha conta — acrescentou, com um sorriso perverso nos lábios finos.

Sem ligar às súplicas do coitado, Gia-long desceu a garagem, onde o esperava o possante automóvel preto.

Antes de dirigir-se ao apartamento de Tien-tsi, o coronel passou pela rua Vangirard.

Estacionou junto a dois indivíduos de feições eslavas, que pareciam aguardá-lo.

Sem dizer nada, tomaram assento no carro. Trajavam roupa escura e usavam chapéu.

Chegando ao edifício de Tien-tsi, os dois acompanhantes do coronel subiram as escadas em sua frente, empunhando pistolas.

Experimentaram, cuidadosamente, a maçaneta, para verificar se a porta estava fechada a chave. Sentindo-a ceder, começaram a abrir devagarinho.

Depois, um deles escancarou de um pontapé a porta, enquanto o outro a cobria com sua arma. À primeira vista, pensaram que não houvesse ninguém no apartamento.

Uma expressão de espanto dominou o rosto de Gia-long ao ver num canto da sala, amarradas e amordaçadas, Brigitte e Ama Wang.

Um dos eslavos, Wladimir Gorod, perguntou: — Que significa isto, coronel? Quem terá amarrado essas mulheres? Conhece-as?

— Sim — respondeu Gia-long — uma delas é Ama Wang, funcionária do Departamento de Estado, e a outra é Brigitte Montfort, pintora francesa, com quem, aliás, eu necessitava ter uma conversinha. Tire-lhes as mordanças — ordenou ao companheiro de Gorod, Anton Koznev. — Vamos saber o que houve.

Anton apressou-se a obedecer, também ele estava ansioso por tomar conhecimento do que ocorrera.

Um suspiro de alívio escapou da garganta de Ama Wang, ao poder respirar livremente. Encarando Brigitte com ódio, exclamou: — Coronel, essa mulher é uma espiã dos vietcongs. Trabalha em colaboração com o advogado Tien-tsi.

— Eu já desconfiava disso — replicou Gia-long.

— O que desejo saber é por que vocês se encontram aqui e quem as amarrou.

A jovem, antes de responder, olhou significativamente para os dois homens. Era a primeira vez que os via.

— Fale sem receio, Ama Wang. Eles trabalham para o Serviço Secreto — afiançou-lhe o coronel.

— Vamos, responda à pergunta do nosso chefe — intimou Gorod.

— Ignoro a identidade da pessoa que nos amarrou e amordaçou — explicou Ama Wang. — Isso quem pode esclarecer é ela — e apontou para Brigitte, com a cabeça.

— Quando me dispunha a conduzi-la a sua presença coronel, ela me derrubou com um golpe desferido à traição. Ao recuperar os sentidos, eu estava amarrada e amordaçada junto dela.

Com ar sombrio, Gia-long inquiriu: — Por que desobedeceu minha ordem de que fosse para sua residência e lá aguardasse instruções? Que veio fazer aqui, sem meu conhecimento? Diga!

Ama Wang tentou escusar-se: — Meu irmão foi assassinado por um cúmplice de Tien-tsi. Jurei vingá-lo. Por isso vim procurar o advogado, queria fazer justiça com as minhas próprias mãos. Lamento haver-me precipitado, coronel, agi sob forte emoção.

— Seu procedimento me faz desconfiar que a senhorita deixou de revelar-me alguma coisa importante que seu irmão lhe tenha contado antes de expirar. Não é verdade? — interrogou o coronel, fitando-a no fundo dos olhos.

A moça, depois de refletir alguns segundos, compreendeu que não podia continuar ocultando do coronel a existência do papel com a posição do navio. Fazendo um rodeio, começou: — Talvez tenho omitido algo em meu relato sobre o sucedido entre Tu-duc e o traidor Ming-Mang. Estava tão nervosa, coronel, que não me recordo mais do que lhe disse.

Interrompeu-se, fingindo procurar em suas lembranças.

Afinal, decidiu-se: — Coronel, não lhe falei que meu irmão tomou das mãos de Ming-Mang um papel...

De súbito, fez-se um pesado silêncio na sala. Podia-se ouvir a respiração sobressaltada dos três homens. Seus semblantes empalideceram. Recuperando-se primeiro, Gia-long afirmou, com voz rouca e preocupada: — Não me disse nada a esse respeito, Ama Wang.

Apenas contou-me que seu irmão surpreendera Ming-Mang comunicando-se com os vietcongs.

Aproximando-se da moça, o coronel perguntou: — Por que me ocultou a existência desse papel? Que escreveu Ming-Mang nele?

Ama Wang soltou a bomba: — A posição do navio que traz um carregamento de armas.

Três exclamações soaram ao mesmo tempo.

Antecipando-se ao coronel, Gorod segurou a jovem pelos cabelos e exigiu-lhe: — Onde está o papel?

— Na minha bolsa, em cima da mesa — articulou a moça, assustada.

O eslavo largou-a, precipitando-se em direção ao móvel.

Ao constatar que entre os objetos pessoais de Ama Wang, espalhados sobre a mesa, não havia papel algum, soltou um grito de raiva e, com um tapa jogou tudo ao chão.

Brigitte contemplava a cena, mas seu pensamento estava distante. Não se perdoava haver-se deixado surpreender toalmente. A pessoa que lhe tirara o papel já devia ter fugido para longe. Sem dúvida, fora o advogado, pois só ele tinha a chave da porta.

O estalido de uma bofetada no rosto de Ama Wang arrancou-a de suas divagações. Ao golpe seguiu-se um gemido abafado da moça.

— Maldita idiota! — rugiu Gorod, transtornado pela cólera. — Ali não há nenhum papel.

Voltou a puxar-lhe os cabelos com força e perguntou, ferozmente: — Que estava escrito naquele papel? Se não abrir o bico vai se arrepender.

— Não fale nada, Ama Wang — interveio, de repente, Brigitte. — esses homens pertencem ao N.K.V.D., são espiões russos. O coronel Gia-long trabalha de comum acordo com eles.

Gorod tapou a boca de Brigitte com sua grande mão peluda. Ela cravou-lhe os dentes. Dando um berro, o russo retirou precipitadamente a mão.

Brigitte aproveitou-se para continuar alertando Ama Wang: — O objetivo do coronel e dos seus comparsas russos é a implantação do regime comunista no Vietnã do Sul.

Estão preparando um movimento revolucionário que, criando o caos no país, permita aos vietcongs apossar-se...

Uma violenta coronhada, na cabeça, interrompeu suas palavras.

CAPÍTULO DEZ

Onde tudo se explica, afinal, exaustivamente, à maneira dos melhores folhetins rocambolescos do século passado.

Brasa na carne para uma confissão desesperada.

Quando as balas chegam aos corpos que as merecem.

O amor, o bonzo e a filosofia.

— Agora, minha gatinha, você vai contar tudo o que sabe. E bem depressa, se não quiser que lhe faça um serviço nesse lindo rostinho moreno. Garanto-lhe que nem seu namorado vai reconhecê-la, quando eu terminar.

Essa fala macia e venenosa fluía da boca sádica de Anton Koznev, um perito em arrancar confissões de pessoas teimosas.

Seus dedos, esguios, de unhas feitas, seguravam um charuto aceso tão perto do rosto de Ama Wang, que ela podia sentir o calor da brasa.

— Não me queime, eu falo tudo que o senhor quiser — suplicou a moça, apavorada com a ameaça do russo.

Então seja boazinha e diga-nos o que estava escrito naquele papel, conforme meu amigo Gorod lhe pediu. Faça isso e nada acontecerá a essas feições angelicais — gracejou Anton Koznev.

Ama Wang procurou lembrar-se do que Ming-Mang anotara na papel. O medo formava um denso nevoeiro em sua memória. Apenas conseguia visualizar um número: 38.

O resto parecia esfumado, indeciso.

Soluçando, explicou ao russo: — Havia três grupos de números, na folha, mas só me recordo do último: 38.

O carrasco deu um sorriso, e animou-a: — Muito bem, já progredimos. Quer dizer que os dois algarismos finais são três e oito. Vou ajudá-la a se lembrar! — e, com impressionante sangue-frio, encostou o charuto no braço da jovem. Esta soltou um uivo de dor. O cheiro de carne queimada encheu o ambiente.

O grito de Ama Wang fez o carrasco rir um riso sinistro enquanto seus companheiros olhavam-no intimidados.

A voz melíflua e falsa de Anton, voltou a perguntar: — Que tal, Srta. Ama Wang? Pode nos informar quais são os outros números ou precisa de mais um lembrete? — deteve-se para puxar uma baforada e comentou, satisfeito. — Um havana legítimo, a senhorita tem sorte.

Com os olhos cheios de lágrimas, a infeliz procurou comover aquele coração de pedra: — Estou lhe dizendo a verdade, senhor, esqueci-me do resto! Imploro-lhe pelo amor de seus filhos, de sua esposa, pelo que tiver de mais sagrado, que não me queime. Não consigo pensar com clareza. Deixe-me descansar.

— Não sou casado e para mim não há nada sagrado! — respondeu o carrasco, com frieza. — Li, certa vez, um livro de feitiçaria que aconselhava a curar os desmemoriados com fogo. Vamos ver se é verdade. A teoria deve apoiar-se na experiência preconizada por Francis Bacon. Conhece-o? Não... Você olvida as coisas muito facilmente.

Com um forte puxão rasgou o vestido de Ama Wang, desnudando-lhe o colo.

Lentamente, aproximou o charuto dos ombros da moça.

Seus companheiros, hipnotizados, assistiam a cruel cena quase sem respirar.

Faltavam apenas dois centímetros para a brasa tocar na pele nua de Ama Wang, quando um tiro rompeu o silêncio, Anton Koznev, o carrasco sorridente, sentiu-se morrer.

Abriu os braços em busca de apoio, adotando uma terrível postura de espantalho. O sangue jorrava aos borbotões de um buraco nas suas costas. Conseguiu manter-se em pé alguns segundos. Depois tombou sobre o havana, apagando-o.

Refeitos da surpresa, Gia-long e Gorod enfrentaram o intruso, de armas na mão.

No tiroteio que se seguiu Gorod foi alvejado no braço direito. Era o próprio Tien-tsi quem chegava para salvar Ama Wang de ser queimada pelo carrasco. Mas recebeu um balaço na coxa esquerda, que o derrubou.

Gia-long aproximou-se dele e recolheu a arma, do chão.

— Afinal apanhei-o, seu cachorro! — disse com raiva.

— Eu sabia que ainda tornaríamos a nos encontrar e esta vai ser a última vez — ameaçou, apontando a pistola para a cabeça do rapaz. — Vou tirá-lo do meu caminho, para sempre. Depois liquidarei essas duas intrometidas. Não vai sobrar ninguém. Os mortos não falam, não é mesmo, Gorod?

O russo, preocupado em improvisar um torniquete para seu braço, concordou com Gia-long.

— Tem razão, coronel, é a melhor solução. Precisamos sair logo daqui. O ruído dos tiros pode atrair alguém.

— Não acredito — respondeu Gia-long! — O apartamento ao lado está vazio e o porteiro do prédio ocupa, neste momento, uma cela no Serviço Secreto. Pode ficar tranquilo, Gorod.

Voltou a fazer pontaria na cabeça do advogado. Ia apertar o gatilho, quando a porta se escancarou e uma metralhadora portátil abriu fogo.

Os projéteis perfuraram o coronel no peito e, com seu brutal impacto, fizeram-no dar meia volta antes de jogá-lo ao chão.

Gorod, com o braço bom, tentou puxar a arma. Não chegou a empunhá-la, uma rajada sacudiu-o, esburacando seu impecável terno de casimira inglesa.

Arthur Keeler — era ele quem chegava para salvar a situação — examinou a roupa do russo, avaliou o estrago, e fez a última ironia.

— Acho que não vale a pena mandar cerzir o terno. Vai ficar muito caro e, além do mais, não é meu tamanho.

Pousando a metralhadora na mesa, Keeler começou a desamarrar Brigitte e Ama Wang.

A irmã de Tu-duc, admirada com as sucessivas reviravoltas ocorridas nas últimas horas, não se conteve e perguntou ao americano: — Agradeço-lhe muitíssimo sua providencial intervenção, mas para mim é motivo de assombro ver o pacato comerciante de arte, que eu supunha apenas interessado na Galeria Corot, manejando uma metralhadora com tamanha perfeição. Poderia explicar, Sr. Keeler, que papel representa nisso tudo?

— É muito simples — esclareceu Brigitte, ante o silêncio do americano. — O Sr. Arthur Keeler e eu trabalhamos para o Serviço Secreto Americano. Antes de vir aqui, preveni-o de minha intenção e combinamos que, se eu não voltasse em determinado prazo, ele teria de vir me buscar.

— Devo dizer que chegou no momento exato — aparteou Tien-tsi. — Mais um pouco e o coronel teria aberto vários orifícios de ventilação no meu crânio.

Arthur Keeler assentiu, aproveitando para pilheriar: — É verdade, felizmente cheguei a tempo. Seria lamentável que tão brilhante vocação jurídica fosse ceifada prematuramente.

Ama Wang não conseguia sair de sua estupefação.

As palavras cordiais de Keeler demonstravam claramente que ele não considerava o advogado um espião dos vietcongs. No entanto, seu irmão lhe assegurara que ouvira Ming-Mang chamar de chefe a Tien-tsi, durante a transmissão clandestina.

Ama Wang fora ao apartamento de Tien-tsi disposta a matá-lo, se o encontrasse. E pensar que o advogado arriscara a vida para salvá-la de ser queimada... Era mesmo incompreensível.

Desistindo de entender por seus próprios recursos, a jovem interrogou Keeler: — O Dr. Tien-tsi não é um espião dos vietcongs?

— Não — respondeu o americano. — O Dr. Tien-tsi é um colaborador do Serviço Secreto francês. Nossos fins são os mesmos: evitar que os Comunistas dominem o país. Suspeitávamos que a senhorita era o elemento de ligação de Gia-long, no Departamento de Estado. Para tirar a prova, telefonamos a Tien-tsi, marcando um encontro na estrada de Mytho e mencionando um fictício desembarque de armas. Como imaginávamos, Gia-long foi informado e correu ao local. Prendeu Tien-tsi, mas deixou escapar o condutor do jipe, este seu criado.

— O senhor era o motorista do jipe? — exclamou.

— Perfeitamente. E, em seguida, raptei o general Nguyen Ton Mau para obrigar Gia-long a soltar o advogado.

— Mas por que a Srta. Brigitte revistou o apartamento de Tien-tsi, se trabalhavam de acordo? — estranhou a moça.

— Da primeira vez por uma elementar medida de segurança. Brigitte queria certificar-se de que ele estava sendo sincero conosco. Perdoe, Tien-tsi! — disse Keeler, sorrindo para o advogado. — Mas você é do ofício e sabe que nós agentes secretos precisamos desconfiar até da nossa sombra — fez uma pausa e continuou sua explicação. — Brigitte regressou ao apartamento com o propósito de fazer Gia-long cair numa cilada, como realmente sucedeu.

— Só não compreendo uma coisa — insistiu Ama Wang. — Meu irmão, antes de morrer, assegurou-me que Ming-Mang citara o nome do advogado como um dos chefes da organização subversiva.

— Ele deve ter feito confusão com o nome de Tien-tsi, um dos cabeças da conspiração abortada. Aliás o nome Tien é muito comum aqui. Os outros dois eram Gia-long, que está morto, e o general Nguyen Ton Mau, que já foi preso. O capitão do navio que conduzia o carregamento de armas deu-nos a relação completa de seus cúmplices. Um submarino encarregou-se de interceptá-lo na posição indicada por Ming-Mang. Quanto ao atentado ocorrido no dia da exposição de Brigitte, foi ordenado pelo próprio coronel Gia-long. Ele queria desembaraçar-se de Do Xuan Kahn, que conhecia suas ligações com os vietcongs. O assassino teve a mesma sorte, os homens do coronel fecharam-lhe a boca com chumbo quente. Eis tudo.

“Essa história vai dar ótima reportagem — pensou Brigitte Montfort, retomando sua personalidade de jornalista do “Morning News”. — Preciso começar a escrevê-la imediatamente, Miky Grogan deve estar impaciente.”

Depois lembrou-se de perguntar: — E afinal, o bonzo suicida? Como foi feita a cena?

Keeler explicou: — Um dos capangas de Gia-long dopou um pobre-coitado da penitenciária, raspou-lhe a cabeça e vestiu-o de monge, levando-o já quase inconsciente para a rua. O resto foi hábil manobra com os dois automóveis se cruzando para incendiar-lhe as vestes empapadas de gasolina.

— Mas qual seria o objetivo de tudo isso? — insistiu Brigitte, fingindo-se de inocente.

— Ora — atalhou Tien-tsi — você já deve saber que toda preocupação dos comunistas vietcongs aqui em Saigon é escandalizar a população civil com cenas bárbaras, acirrando o fanatismo religioso que lhes facilita o clima de agitação. Uma velha técnica marxista: agitar para confundir e dominar.

Saíram dali para a Galeria Corot onde Keeler e Tien-tsi festejaram com a jovem repórter o sucesso da operação.

Ama Wang, entristecida pela morte do irmão, recolheu-se a um convento.

— Vamos sentir saudades de você! — disse o advogado, com ar melancólico.

— Quem sabe um dia nossos caminhos não se cruzam outra vez? — sugeriu Brigitte, cheia de cuidados.

Tien-tsi preferiu encerrar a conversa com um pensamento budista, de velha tradição no Vietnã: — Talvez noutra vida eu seja árvore e você venha descansar sob minha sombra...

FIM